



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

“Diz-me quem eu sou”: Um estudo sobre a relação entre traços disfuncionais da personalidade e mecanismos de defesa em adolescentes

Inês Alexandra Santos Rachão

Orientação: Prof. Doutor Rui Costa Campos

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2013



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

**“Diz-me quem eu sou”: Um estudo sobre a relação entre traços
disfuncionais da personalidade e mecanismos de defesa em
adolescentes**

Inês Alexandra Santos Rachão

Orientador:
Prof. Doutor Rui C. Campos

Évora | Novembro de 2013

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas às quais gostaria de expressar os meus sinceros e profundos agradecimentos.

Ao meu orientador de dissertação, Prof. Doutor Rui C. Campos, pelo seu valioso contributo, pela disponibilidade e prontidão sempre demonstradas e pela exemplar dedicação ao trabalho e aos alunos.

À minha família, mãe, pai, avó, irmãos e sobrinha pelo amor que sempre me deram, por terem acreditado em mim e me terem feito acreditar também, e por serem o meu suporte em todos os aspetos e em todos os momentos da minha vida.

Ao Daniel Quina pela imensa ajuda que me deu, por estar sempre ao meu lado, pela paciência e companheirismo nos momentos mais difíceis e, sobretudo, por me fazer feliz com a sua amizade e amor incondicionais.

Aos meus amigos Luís Miguel, Cátia Abreu, Susana Correia, André Mantas e Maria Mata por terem estado ao meu lado nos momentos de desalento com as suas palavras e gestos amigos, pelo brilho especial que dão à minha vida e por me fazerem sorrir.

À Gena Jerónimo, André Silva e Joana Pereira pela amizade e carinho que sempre me deram.

À minha tia Rosa, por estar sempre comigo.

Ser ou não ser, eis a questão:
O que é mais nobre para a alma?
Sofrer as pedradas e as setas da fortuna ultrajosa?
Ou tomar armas contra um mar de tribulações,
E, fazendo-lhes rosto, dar-lhes fim?

William Shakespeare, *Hamlet*

“Diz-me quem eu sou”: Um estudo sobre a relação entre traços disfuncionais da personalidade e mecanismos de defesa em adolescentes

Resumo

Este trabalho teve como objetivos compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa se associa e pode caracterizar estilos desadaptativos de personalidade e identificar tipos de funcionamento interno mais globais nos adolescentes. A amostra foi constituída por 830 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Foram utilizadas as versões Portuguesas do *Inventário de Mecanismos de Defesa* (DMI, Ihlévich & Gleser, 1986) e do *Inventário Clínico para Adolescentes de Millon* (MACI, Millon, 1993). Realizaram-se Análises de Regressão Linear Múltipla e uma Análise em Componentes Principais para estudar a relação entre os cinco tipos de mecanismos de defesa de acordo com o modelo de Ihlévich e Gleser (1986) e os estilos de personalidade conceptualizados de acordo com o modelo de Millon (1993). Os resultados apoiam a existência de uma associação entre tipos de mecanismos de defesa e traços disfuncionais de personalidade e corroboram a existência de dois tipos de funcionamento interno globais: de internalização e de externalização. Os resultados são discutidos numa perspetiva psicodinâmica.

Palavras-chave: mecanismos de defesa, traços disfuncionais de personalidade, internalização, externalização.

“Tell me who i am”: A study on the relationship between dysfunctional personality traits and defense mechanisms in adolescents

Abstract

This study aimed to understand how the preference for certain defense mechanisms is associated with - and may characterize - maladaptive personality styles and identify more global types of internal functioning in adolescents. The sample consisted of 830 adolescents aged 14 to 20 years. Portuguese version of the Defense Mechanisms Inventory (DMI, Ihilevich & Gleser, 1986) and the Millon Adolescent Clinical Inventory (MACI, Millon, 1993) were used on this study. Multiple Regressions and Principal Component analysis were performed to study the relationship between the five types of defense mechanisms according to the model of Ihilevich and Gleser (1986) and the personality styles conceptualized according to the model of Millon (1993). The results support the existence of an association between types of defense mechanisms and dysfunctional personality traits and corroborates the existence of two global types of internal functioning: internalizing and externalizing. The results are discussed on a psychodynamic perspective.

Keywords: defense mechanisms, dysfunctional personality traits, internalization, externalization

Índice

Introdução.....	1
I. Fundamentação Teórica	5
1. Traços de Personalidade e Perturbações de Personalidade.....	5
1.1. Definição e Perspetiva Histórica sobre o Estudo Psicológico da Personalidade.	5
1.2. A Noção de Traço e Tipos de personalidade	6
1.3. Traços Disfuncionais de Personalidade – O modelo de Theodore Millon.....	9
1.4. Dos Traços Disfuncionais às Perturbações de Personalidade	14
1.4.1. A Abordagem Descritiva – DSM (APA)	15
1.4.2. A Abordagem Psicodinâmica.....	18
2. Mecanismos de Defesa	23
2.1. O Conceito de Mecanismo de Defesa.....	23
2.2. Os Diferentes Tipos e o Desenvolvimento dos Mecanismos de Defesa.....	24
2.3. O Modelo de Ihilevich e Gleser	26
3. Adolescência, Mecanismos de Defesa e Psicopatologia da Personalidade	29
3.1. Considerações Gerais sobre o Desenvolvimento Normal e Patológico na Adolescência.....	29
3.2. Mecanismos de Defesa e Traços Disfuncionais de Personalidade na Adolescência.....	30
3.3. Estudos empíricos	35
II. Estudo Empírico	39

4. Colocação do Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação.....	39
5. Metodologia	47
5.1. Participantes.....	47
5.2. Instrumentos.....	47
5.3. Procedimento	49
5.4. Metodologia de análise dos dados.....	50
6. Resultados.....	53
6.1. Estatística Descritiva	53
6.2. Resultados das Análises de Regressão Linear Múltipla.....	54
6.3. Resultados da Análise em Componentes Principais	60
7. Discussão.....	63
Conclusões.....	73
Referências Bibliográficas	77
Anexos	89

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Estilos de personalidade formulados por Millon (modelo original) e respectivas perturbações no DSM-III.....	11
Tabela 2 – Estilos disfuncionais de personalidade, as suas categorias e níveis de gravidade, segundo o modelo de Millon.....	12
Tabela 3 – Hipóteses de Estudo.....	45
Tabela 4 – Caracterização da amostra.....	47
Tabela 5 - Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos mecanismos de defesa do DMI e dos estilos de personalidade do MACI.....	53
Tabela 6 – Modelos de Regressão <i>Stepwise Forward</i>	58
Tabela 7 – Modelos de Regressão <i>Stepwise Forward</i> (cont.).....	59
Tabela 8 – Modelos de Regressão <i>Stepwise Forward</i> (cont. II).....	60
Tabela 9 - Análise Paralela Monte Carlo PCA	61
Tabela 10 – Matriz de Componentes Rodadas.....	62

Introdução

A personalidade é considerada um padrão complexo de características psicológicas que são em grande parte estáveis e que se expressam automaticamente em quase todos os aspectos do funcionamento humano (Millon & Davis, 1996). As teorias dos traços ou estilos de personalidade colocam a ênfase no estudo da classificação das diferenças individuais. Esta abordagem teve como base inicial a observação de que diferentes indivíduos respondem, sistematicamente, de forma diferente a situações ou estímulos idênticos (Mischel, 1981).

De acordo com o modelo de Millon (1993) os diferentes traços de personalidade podem ser entendidos num *continuum* desde constituírem estilos normais até às variantes mais graves, como as Perturbações de Personalidade definidas no DSM-IV-TR. O modelo teórico de Millon propõe semelhanças estruturais entre estilos e perturbações da personalidade (sendo a diferença entre ambas quantitativa e não qualitativa) (Millon, 1993). Este autor propõe na adolescência 12 estilos de personalidade: Introversivo, Inibido, Dolente, Submisso, Dramático, Egocêntrico, Rebelde, Rude, Conformista, Opositivo, Autodestrutivo e Borderline. Para avaliar estes estilos de personalidade Millon desenvolveu o *Inventário Clínico para Adolescentes de Millon* (MACI - Millon, 1993). Cada um destes estilos envolve um funcionamento interno específico que se manifesta através de várias dimensões, entre as quais os mecanismos de defesa do ego.

Ihilevich e Gleser (1986) definem mecanismos de defesa como respostas relativamente estáveis que têm a função de distorcer ou manusear a realidade, quando os recursos pessoais dos indivíduos, as suas aptidões e motivações são insuficientes para lidar com os conflitos internos ou com as ameaças externas ao seu bem-estar. Para estes autores, os mecanismos de defesa são adaptativos se usados de forma flexível. No entanto, o seu uso excessivo, rígido ou inapropriado contribui para a psicopatologia. A utilização de mecanismos de defesa desadaptativos impede o indivíduo de gerir o stresse e a ansiedade adequadamente, levando à diminuição da autoestima e à diminuição do *insight* (Bornstein, 2003). Ihilevich e Gleser definiram cinco tipos de mecanismos de defesa: *Turning Against Object* (TAO), *Projection* (PRO), *Principalization* (PRN), *Turning Against Self* (TAS) e *Reversal* (REV), caracterizados por um conjunto específico de operações mentais, respostas emocionais e comportamentos, que se associam a certos traços e tipos de

funcionamento da personalidade. Estes cinco tipos de mecanismos de defesa são operacionalizados através do *Inventário de Mecanismos de Defesa* para adultos e para adolescentes (DMI e DMI-Y- Ihilevich & Gleser, 1986).

Compreender a estrutura da personalidade e identificar as suas componentes básicas tem sido o objetivo de vários autores ao longo do estudo desta dimensão do ser humano (e.g. Eysenck, 1950; Fruyt, Bolle, McCrae, Terracciano, & Costa, 2009; Jung, 1958). Tanto os traços de personalidade como os mecanismos de defesa têm sido considerados construtos centrais para a descrição, o estudo e a compreensão do funcionamento psíquico, embora provenientes de tradições distintas de investigação e conceptualização da personalidade.

Para melhor compreender os diferentes estilos de funcionamento da personalidade torna-se útil perceber que mecanismos de defesa são escolhidos pelos sujeitos e em que medida são usados (Millon, Davis, & C. Millon, 2007).

Assim, o presente estudo tem como primeiro objetivo compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa se associa e pode assim caracterizar os diferentes estilos disfuncionais de personalidade.

O segundo objetivo deste estudo, relacionado com a questão da estrutura da personalidade, é verificar se os traços de personalidade e os mecanismos de defesa em estudo permitem corroborar tipos de funcionamento interno abrangentes ou mais globais em adolescentes. Diversos trabalhos apoiam a existência de dois tipos de funcionamento interno nos adolescentes relacionados com a internalização e externalização dos conflitos. A investigação na psicopatologia do adolescente tem sistematicamente permitido considerar uma distinção entre estes tipos de funcionamento psíquico (Achenbach, 1991; Noam & Recklitis, 1990). Os adolescentes que utilizam defesas que colocam o conflito fora do *Self* (TAO e PRO) tendem a apresentar mais comportamentos de externalização (Achenbach, 1991; Justo, et al., 2011; Noam & Recklitis, 1990). Por outro lado, os adolescentes que usam mecanismos de defesa que mantêm, os conflitos no *Self* (TAS, PRN e REV), tendem a apresentar mais comportamentos de isolamento, alienação, autodestruição e depressão, relacionados com um funcionamento de internalização (Achenbach, 1991; Justo, et al., 2011; Noam & Recklitis, 1990).

O presente estudo contou com uma amostra de adolescentes de ambos os géneros, alunos do ensino secundário. Os dados foram recolhidos através de aplicações coletivas em sala de aula de uma bateria de 4 instrumentos onde se incluía o *Inventário Clínico para Adolescentes de Millon* (MACI; Versão Portuguesa; Cavaco,

2004) e o *Inventário de Mecanismos de Defesa Versão para Adolescentes* – (DMI-Y; Versão Portuguesa de Justo et al., 2011).

Este trabalho está dividido em duas partes, correspondendo a primeira à fundamentação teórica e a segunda ao estudo empírico.

A primeira parte está dividida em três capítulos. O capítulo 1 apresenta as teorias dos traços e das perturbações da personalidade, onde daremos destaque à perspetiva histórica do estudo da personalidade e à sua definição, à noção de traços e tipos de personalidade, ao modelo teórico de Theodore Millon e às abordagens classificativas descritiva e psicodinâmica das perturbações da personalidade. No capítulo 2 focar-nos-emos na temática dos mecanismos de defesa, abordando o conceito dos mesmos, os diferentes tipos e o seu desenvolvimento e a perspetiva teórica de Ihilevich e Gleser. No capítulo 3 abordaremos os mecanismos de defesa, os traços disfuncionais e a psicopatologia na adolescência, onde começaremos por tecer algumas considerações gerais sobre o desenvolvimento normal e patológico na adolescência, passando para a relação entre mecanismos de defesa e traços disfuncionais de personalidade nesta fase do desenvolvimento e acabando com a apresentação de alguns estudos empíricos sobre esta temática.

A segunda parte do trabalho está dividida em quatro capítulos. O primeiro corresponde ao capítulo 4, onde são apresentados o problema, os objetivos e as hipóteses de investigação. Seguidamente, o capítulo 5, apresenta a metodologia, onde é efetuada uma descrição dos participantes, dos instrumentos, do procedimento e onde é apresentada a metodologia de análise dos resultados. O capítulo 6 refere-se à apresentação dos resultados e das tabelas estatísticas e o capítulo 7 à discussão dos resultados e limitações do estudo. Por fim, serão apresentadas as conclusões do estudo, a lista de referências bibliográficas e os anexos.

I. Fundamentação Teórica

1. Traços de Personalidade e Perturbações de Personalidade

1.1. Definição e Perspetiva Histórica sobre o Estudo Psicológico da Personalidade

O conceito de personalidade pode ser definido, por alguns autores, como um conjunto de características estáveis e peculiares que se pode alterar mediante diferentes situações (Schultz & Schultz, 2002). Porém, para outros autores, a personalidade é considerada um estilo complexo de características psicológicas profundamente enraizadas, que são em grande parte inconscientes e dificilmente alteráveis e que se expressam automaticamente em quase todos os aspetos do funcionamento humano (Millon & Davis, 1996).

O estudo da personalidade segue duas grandes perspetivas quanto ao método, a perspetiva nomotética e a idiográfica (Millon & Davis, 1996). Na perspetiva nomotética a personalidade é considerada num sentido lato, a ênfase não é colocada no indivíduo mas na tentativa de compreender como alguns construtos se relacionam e porquê, ou seja, procuram-se as características comuns. Uma vez isoladas as características fundamentais da personalidade, será possível nesta perspetiva, descrever cada personalidade particular usando essas mesmas características (Millon & Davis, 1996). Por outro lado, na perspetiva ideográfica, o enfoque é no indivíduo, na sua complexidade, como um ser único. Desta forma, esta abordagem sugere que a personalidade não é apenas o que faz um indivíduo ser como é, mas também o que o faz ser único e distinto de todos os outros indivíduos, o que nos remete para ideia de que cada pessoa é o resultado de uma história única e irrepetível de interações entre fatores biológicos e contextuais (Millon & Davis, 1996).

A classificação e distinção dos indivíduos pelas suas características psicológicas é uma prática comum no ser humano. Numa perspetiva histórica, refira-se que na Grécia antiga Hipócrates (400 anos a.c.) classificava os pacientes de acordo com quatro tipos de temperamento distintos, sendo estes: colérico (irritável), melancólico (depressivo), sanguíneo (otimista) e fleumático (calmo), sendo que estes eram atribuídos consoante a predominância de um dos humores corporais, bílis amarela, bílis negra, sangue e fleuma (Mischel, 1981).

Já nos tempos modernos, os trabalhos preliminares do que viria a dar início ao estudo das perturbações da personalidade devem-se a Emil Kraepelin (1893, 1899;

citado por Bonkalo, 1956), que nos seus esforços para compreender o curso de desenvolvimento das doenças *dementia preacox* (demência precoce) e maníaco-depressiva (bipolar), descobriu dois estilos pré-mórbidos: o temperamento autista e a predisposição ciclotímica (Simonsen, Ronningstam, & Millon, 2008).

No entanto, o estudo formal da personalidade em Psicologia foi, inicialmente, abordado na perspectiva psicanalítica, fundada por Sigmund Freud no final do século XIX e grande parte das teorias da personalidade desenvolvidas desde então devem-se à sua conceção teórica, quer corroborando-a ou opondo-se a ela (Schultz & Schultz, 2002).

1.2. A Noção de Traço e Tipos de personalidade

O termo *personalidade* desperta um certo fascínio no ser humano e é usado por este em vários sentidos. Um dos sentidos refere-se à personalidade de um indivíduo como que constituída pela sua característica mais saliente, daí resultando atribuições comuns como “personalidade agressiva” ou “personalidade submissa”, aos indivíduos (Hall, Lindzey, & Campbell, 2000), o que nos remete para as teorias dos traços de personalidade.

A teoria dos traços de personalidade coloca a sua ênfase no estudo das diferenças individuais em termos de traços de personalidade. Esta abordagem, também denominada de dimensional, iniciou-se pela observação de senso comum de que diferentes indivíduos respondem, sistematicamente, de forma diferente a situações ou estímulos idênticos (Mischel, 1981). Os traços constituem dimensões contínuas nas quais as diferenças individuais são concetualizadas em termos quantitativos, de acordo com a expressão que cada atributo tem em cada pessoa (Mischel, 1981). Assim, os traços de personalidade podem definir-se como as dimensões da personalidade que variam de pessoa para pessoa (Carver & Scheier, 1996).

Outra abordagem ao estudo da personalidade é a abordagem dos tipos, podendo ser também denominada de categorial. A abordagem dos tipos de personalidade classifica os indivíduos em categorias discretas (Mischel, 1981), definindo um tipo de personalidade como um padrão duradouro de percepções, relacionamentos, pensamentos e comportamentos que se expressam ao longo do tempo e em contextos diferentes (Costa & McCrae, 2006). Carl Jung (1958), seguindo uma abordagem tipológica, definiu dois tipos gerais de personalidade que denominou

de extroversivo e introversivo, de acordo com a atitude dos indivíduos face ao objeto libidinal. Os indivíduos do tipo extroversivo tendem a empregar sistematicamente a sua energia libidinal no objeto, contrariamente aos indivíduos introversivos, que tendem a proteger-se do objeto para se sentirem seguros, evitando dirigir-lhe a sua energia libidinal (Jung, 1958).

A abordagem tipológica ou categorial pura tornou-se menos proeminente do que a abordagem dos traços ou dimensional, uma vez que a preposição de que cada pessoa se insere apenas numa categoria descontínua de personalidade é, praticamente, insustentável. Porém, a expressão “tipos de personalidade” é ainda utilizada na literatura contemporânea, na maioria dos casos com significados distintos do original, como por exemplo na teoria de Eysenck (Carver & Scheier, 1996) ou de Millon, que abordaremos mais à frente neste trabalho.

Eysenck (1950) propôs diferentes tipos de personalidade que derivam da combinação de duas dimensões principais *introversão-extroversão* e *emotividade-estabilidade* (Neuroticismo). O ponto de partida da teoria de Eysenck foi a sua descoberta de que, numa amostra de homens e mulheres que sofriam de perturbações neuróticas durante a Segunda Guerra Mundial, aparentemente poderiam distinguir-se dois grupos, o distímico e o histérico (Kendrick, 1981). Os pacientes com personalidade distímica pareciam assemelhar-se ao tipo introversivo conceptualizado por Jung e os pacientes histéricos aos extroversivos. No entanto, as conceções de Eysenck e de Jung divergem no aspeto em que, para o primeiro autor, extroversão e introversão não representam categorias discretas mas antes dimensões extremas de um *continuum* que é ortogonal ao neuroticismo (Kendrick, 1981).

Assim, na teoria de Eysenck, e de outros autores como Millon, os “tipos” de personalidade referem-se a uma constelação de “traços” que, por sua vez, referem-se a uma constelação de tendências individuais para a ação, ambos empiricamente observáveis (Eysenck, 1950). Desta forma, a distinção entre tipos e traços de personalidade não é feita consoante a sua distribuição (contínua ou descontínua), mas nos termos de dimensões recíprocas determinadas experimentalmente (Eysenck, 1950).

Independentemente de se considerar a personalidade em termos de traços ou tipos, ou seja, numa perspetiva categorial ou dimensional, existem questões que devem ser tidas em conta, nomeadamente: quais são os traços básicos da personalidade e quantos são suficientemente importantes e distintos? (Carver & Scheier, 1996). É amplamente aceite a existência de traços subjacentes a uma grande

variedade de características humanas. Para os conhecer muitos teóricos e investigadores utilizaram a análise fatorial. Este método estatístico baseia-se num pressuposto fundamental: se duas ou mais características covariam é sinal de que poderão refletir um mesmo traço ou dimensão (Carver & Scheier, 1996). Desta forma, a análise fatorial demonstra como duas ou mais características podem ser agrupadas e ao agrupar as variáveis delinea novos fatores ou dimensões independentes que estão subjacentes e são responsáveis pelos agrupamentos (Cattell, 1952).

Raymond Cattell foi um importante investigador da psicologia dos traços e um dos primeiros investigadores a utilizar a análise fatorial. Através desta técnica, Cattell conceptualizou a personalidade em 16 dimensões ou traços primários, tendo construído um inventário de avaliação das mesmas, o 16PF (Aiken, 1999; Carver & Scheier, 1996). Para além destas dimensões, Cattell também identificou 5 dimensões de segunda ordem, as quais designou de fatores globais da personalidade, sendo estes: extraversão, ansiedade, independência, autocontrolo e dureza (Aiken, 1999).

Uma das teorias da estrutura e funcionamento da personalidade mais amplamente aceite, que foi construída com base na metodologia de análise fatorial, é a teoria dos 5 fatores, conceptualizada por Goldberg e designada por este por “Big Five Model” (Archer & Smith, 2008). Este modelo dimensional refere-se a um conjunto de 5 dimensões subjacentes da personalidade replicadas através da utilização de instrumentos de avaliação da personalidade, como por exemplo no NEO PI-R desenvolvido por Costa e McCrae (Archer & Smith, 2008; Costa & McCrae, 2006). Com algumas diferenças terminológicas Costa e McCrae identificaram os mesmos traços estruturais da personalidade que Goldberg, sendo estes o neuroticismo, a extraversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade (Aiken, 1999; Costa & McCrae, 2006).

Outra questão que se levanta no estudo dos traços da personalidade é a sua estabilidade e consistência ao longo do desenvolvimento humano. Alguns estudos demonstraram existir estabilidade nos traços da personalidade tanto em adultos como em crianças e adolescentes (Digman, 1989; Fruyt, et al., 2006; Terracciano, McCrae, & Costa, 2010). No entanto, embora haja um consenso geral de que os traços de personalidade são predominantemente estáveis na idade adulta, existe ainda alguma controvérsia sobre se estes continuam ou não a sofrer alterações a partir desta idade (Terracciano, McCrae, & Costa, 2010). Caspi, Roberts e Shiner (2005) inferiram três princípios acerca do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida, através de uma revisão de estudos empíricos, estes são o *princípio da maturidade*: a maioria das

peças tornam-se mais dominantes, agradáveis, conscienciosos, e emocionalmente estáveis ao longo de suas vidas; o *princípio da continuidade cumulativa*: a consistência relativa dos traços de personalidade continua a aumentar em todo o ciclo de vida, até talvez aos 60 anos; e o *princípio da correspondência*: o desenvolvimento dos traços de personalidade não está relacionado com uma preposição de continuidade versus mudança, mas sim com a coexistência de ambas (Caspi, Roberts, & Shiner, 2005).

A falta de consenso relativamente ao estudo dos traços e tipos de personalidade levou a divisões entre psicólogos e investigadores. Alguns estudaram a personalidade em termos de necessidades, outros estudaram os tipos de personalidade, como Carl Jung, alguns autores em termos do temperamento e outros ainda no âmbito dos estilos e perturbações da personalidade, como Theodore Millon (Costa & McCrae, 2006), propondo uma abordagem prototípica que combina ao mesmo tempo a categorial e a dimensional (Magnavita, 2004).

É sobre o modelo de estilos disfuncionais da personalidade de Theodore Millon que nos iremos focar seguidamente.

1.3. Traços Disfuncionais de Personalidade – O modelo de Theodore Millon

Um dos grandes avanços no estudo da personalidade desde a década de 80 prende-se com a aceitação crescente de que os mesmos traços que sustentam o funcionamento “normal” da personalidade são também determinantes da psicopatologia (Costa & McCrae, 2006). Isto é, quando os traços de personalidade são inflexíveis e desadaptativos, tendo em conta as normas da cultura em que o indivíduo se insere, podem causar défice funcional ou ansiedade (APA, 2000; Jordan, 2004).

O modelo teórico de Theodore Millon, desenvolvido em 1969 e posteriormente reformulado, segue esta preposição e aplica-se tanto ao funcionamento normal como às perturbações da personalidade, uma vez que para este autor a normalidade e a patologia representam os extremos de um *continuum* (Millon & Grossman, 2006; Sánchez, 2003; Strack, 1987). Assim, um estilo de personalidade normal partilha traços, comportamentos e características com a perturbação da personalidade correspondente (Strack, 1987). O modelo de Millon resulta de uma combinação de construtos desenvolvidos a partir de diferentes escolas psicológicas, uma vez que expressa tanto os princípios da aprendizagem dos modelos comportamentais, como

conceitos psicanalíticos, neurobiológicos e evolucionistas (Alchieri, Cervo, & Núñez, 2005).

O modelo original de Millon teve por base a teoria da aprendizagem biopsicossocial, cujo tema central se prende com a concepção de que a personalidade e psicopatologia se desenvolvem como resultado de interações entre fatores orgânicos, psicológicos e ambientais (Millon, 2003; Millon & Davis, 1996). Um dos pressupostos básicos do seu modelo seria que tanto os estilos normais como os patológicos da personalidade podem derivar da combinação das três dimensões ou polaridades: *prazer-dor*, *ativo-passivo* e *Self-outros* (Millon, 1993). Estas três polaridades que, para Millon, constituíam o ponto de partida da construção da personalidade haviam reunido um grande consenso a partir do início do século XX. Vários autores referiram-se a elas, tanto em parte como na totalidade das suas componentes, como por exemplo Jung ao referir a dicotomia *introversivo-extroversivo* semelhante à dimensão sujeito-objeto, ou Adler que referiu também a dimensão ativo-passivo na sua teoria (Millon & Davis, 1996).

Através das três dimensões ou polaridades *prazer-dor*, *ativo-passivo* e *Self-outros*, Millon formulou inicialmente oito estilos de personalidade, possíveis de identificar tanto no funcionamento normal como no patológico, e três estilos patológicos, que viriam a ter correspondência com as perturbações da personalidade no DSM-III (American Psychiatric Association [APA], 1980; Millon & Davis, 1996; Sánchez, 2003).

Com base na teoria de aprendizagem biopsicossocial estes estilos de personalidade estavam diretamente relacionados com os vários padrões de coping dos indivíduos, que por sua vez são vistos como formas complexas de comportamentos que visam o alcance de reforços positivos e o evitamento de reforços negativos (Millon & Davis, 1996; Sánchez, 2003). Estes estilos de coping refletem os tipos de reforços que os indivíduos aprenderam a procurar ou a evitar (*prazer-dor*), onde é que os indivíduos os procuram (*Self-outros*) e como é que os indivíduos aprenderam a comportar-se para os alcançar ou para os evitar (*ativo-passivo*) (Millon & Davis, 1996). Assim, os oito estilos de personalidade e as três variações graves foram determinados através da combinação da natureza (*positivo/prazer vs. negativo/dor*), da fonte dos reforços (*Self vs. outros*) e do tipo de comportamentos para os alcançar (*ativos vs. passivos*) (Millon & Davis, 1996).

A distinção dos indivíduos consoante a sua fonte primária de reforço, o *Self* ou os outros, corresponde aos padrões *independente* e *dependente* da personalidade

(Millon & Davis, 1996). Os indivíduos com um estilo dependente da personalidade aprenderam, ao longo do seu desenvolvimento, que os sentimentos associados ao prazer ou ao evitamento da dor são melhor providenciados pelos outros, por outro lado e contrariamente a estes, os indivíduos independentes aprenderam que estes sentimentos são melhor providenciados por eles próprios (Millon & Davis, 1996). Contudo, existem ainda mais três padrões, definidos por Millon como *ambivalente*, *divergente* e *discordante*. O padrão ambivalente corresponde aos indivíduos que vivem um conflito interno no que diz respeito à sua principal fonte de reforço, a busca de prazer ou evitamento de dor através dos outros ou de si próprios (Millon & Davis, 1996). Aos indivíduos que demonstram incapacidade de sentir dor ou prazer ou aos que demonstram incapacidade de sentir prazer mas são extremamente sensíveis à dor, Millon atribuiu o estilo *divergente*, sendo característico nestes indivíduos comportamentos de isolamento social e auto-alienação (Millon & Davis, 1996). Nos indivíduos com um padrão discordante a experiência prazer-dor encontra-se revertida, isto é, parecem sentir, de certa forma, prazer na dor (Millon & Davis, 1996).

A proposta de Millon teve um grande impacto na ciência da personalidade, tendo o autor integrado o comité da APA e assumido a concetualização das perturbações da personalidade, o que veio a culminar na inclusão do eixo II (perturbações da personalidade e perturbações do desenvolvimento específicas) no manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais, DSM-III (APA, 1980; Cardenal, Sánchez, & Ortiz-Tallo, 2007).

Usando as três polaridades como base, Millon construiu assim a taxonomia biopsicossocial da aprendizagem que combinava numa matriz os estilos dependente, independente, ambivalente e divergente de personalidade com as dimensões ativo-passivo, resultando nos oito estilos de personalidade (Millon & Davis, 1996), veja-se a tabela 1. Estes estilos e as suas variantes mais graves, o estilo ciclode (borderline), o paranoide e o esquizotípico (Sánchez, 2003), tinham correspondência com as perturbações do DSM-III (APA, 1980).

Tabela 1 – Estilos de personalidade formulados por Millon (modelo original) e respetivas perturbações no DSM-III

	Dependente	Independente	Ambivalente	Divergente
Ativo	Histriónico (Pert. Histriónica)	Agressivo (Pert. Antissocial)	Negativista (Pert. Passiva- agressiva)	Evitante (Pert. Evitante)
Passivo	Submisso (Pert. Dependente)	Narcísico (Pert. Narcísica)	Conformista (Pert. Compulsiva)	Associal (Pert. Esquizóide)

Em 1990 Millon reformulou a sua teoria incorporando princípios evolutivos. As perturbações da personalidade deixavam de se centrar sobretudo nos princípios comportamentais de reforço e condicionamento passando a ser consideradas como construtos evolutivos, que derivam de três tarefas fundamentais comuns a todos organismos: a luta pela sobrevivência (prazer-dor), o esforço de adaptação ao meio (passivo-ativo) e as estratégias reprodutivas (*Self*-outros) (Cardenal, Sánchez, & Ortiz-Tallo, 2007). O objetivo de Millon seria explicar a estrutura e os estilos de personalidade com referência a modos de adaptação ecológicos e estratégias reprodutivas desadaptativos e conflituantes. Desta forma, passou a considerar-se que as perturbações da personalidade poderiam refletir-se em todos os aspetos do funcionamento do ser humano (Cardenal, Sánchez, & Ortiz-Tallo, 2007).

A ideia base do modelo evolutivo de Millon foi, também, assumida mais tarde no DSM-IV-TR (APA, 2000), a de que a personalidade de um indivíduo providencia um contexto de compreensão do desenvolvimento e curso das síndromes clínicas do eixo I (Haddy, Strack, & Choca, 2005). Este pressuposto ajuda a explicar a questão da comorbidade, sendo que a investigação tem demonstrado que os indivíduos com diagnóstico de perturbação de personalidade são mais propensos a desenvolver síndromes clínicas e vice-versa (Haddy, Strack, & Choca, 2005; Krueger, 2005; Lenzenweger, Lane, Loranger, & Kessler, 2007; Shea, et al., 2004).

A reformulação do modelo de Millon levou à concetualização de dezassete estilos disfuncionais de personalidade nos adultos que agrupou em cinco categorias e consoante o nível de gravidade (Millon & Davis, 1996; Sánchez, 2003) - veja-se a tabela 2. Para os adolescentes Millon formulou doze estilos de personalidade, os quais abordaremos no capítulo 3.

Tabela 2 – Estilos disfuncionais de personalidade, as suas categorias e níveis de gravidade, segundo o modelo de Millon.

Estilo	Esquizoide Evitante Depressivo	Dependente Histriónico Narcísico Antissocial	Sádico Compulsivo Negativista Masoquista	Esquizotípico Borderline Paranóide	Esquizofrenia Ciclófrenia Parafrenia
Categoria	Dificuldade em experienciar prazer - Divergente	Desequilíbrio Interpessoal	Conflito Intrapsíquico	Défice Estrutural	Estruturalmente Descompensado
Níveis de Gravidade	Leve/Moderado	Leve	Moderado	Grave	Profundo

Millon defendeu acerrimamente que qualquer ciência clínica de compreensão da personalidade deveria abranger quatro componentes: uma teoria explicativa, uma nosologia formal, instrumentos eficazes de avaliação e intervenções terapêuticas (Sánchez, 2003). Neste sentido, desenvolveu e publicou em 1977 a primeira versão do Inventário Clínico Multiaxial de Millon – MCMI, instrumento que permitia avaliar a personalidade, através de escalas que correspondiam à tipologia do autor dos estilos de personalidade (Widiger & Sanderson, 1987). Originalmente, o MCMI não foi desenhado de acordo com nenhuma nosologia e nomenclatura oficiais das perturbações da personalidade, mas as revisões subsequentes, MCMI-II e MCMI-III, aproximaram-no das categorias do DSM-III e do DSM-IV, respetivamente (Craig, 2002). Alguns autores criticaram o MCMI como instrumento de avaliação das perturbações de personalidade do DSM, como chegou a ser designado, alegando a falta de estudos empíricos que justificassem essa designação (Widiger, Williams, Spitzer, & Frances, 1985). Pouco tempo mais tarde, alguns desses autores validaram a convergência entre as escalas do MCMI e as perturbações da personalidade do DSM, mas encontraram algumas discrepâncias, nomeadamente nas escalas antissocial e passivo-agressiva, que se justifica pela distinta formulação teórica desses construtos na teoria de Millon e no DSM (Torgersen & Alnaes, 1990; Widiger & Sanderson, 1987). Outros instrumentos foram construídos por Millon para avaliação da personalidade, inclusive o Inventário Clínico para Adolescentes de Millon – MACI, mas sobre este instrumento debruçar-nos-emos mais à frente neste trabalho de forma mais aprofundada, uma vez que foi utilizado para o nosso estudo.

O último aspeto que é abordado na teoria de Millon é a psicoterapia. A proposta de Millon baseia-se numa intervenção psicoterapêutica integrativa que, mantendo as bases teóricas biopsicossociais e evolutivas do seu modelo, seria mais adequada para as perturbações da personalidade (Millon, Boice, & Sinsabaugh, 2008; Sánchez, 2003). De acordo com Millon, Boice e Sinsabaugh (2008), a psicoterapia deve centrar-se na pessoa e não na patologia, deve ser portanto personalizada (psicoterapia sinérgica), sendo que as modalidades do tratamento devem adequar-se a cada indivíduo.

1.4. Dos Traços Disfuncionais às Perturbações de Personalidade

O modelo médico baseado na correspondência biunívoca entre causas e sintomas patológicos revela-se limitado e com pouca aplicação na compreensão das doenças mentais (Lara & Cordeiro, 1986). A principal dificuldade reside na própria natureza do objeto de estudo da psiquiatria e psicopatologia, uma vez que se trata dos comportamentos, atitudes, pensamentos e relações do ser humano, tornando difícil estabelecer fronteiras entre o normal e o patológico (Lara & Cordeiro, 1986).

Inúmeras tentativas foram feitas para desenvolver critérios definitivos de distinção entre normalidade psicológica e patologia. Como já verificámos, na conceção teórica de Millon, os termos normalidade e patologia foram explicados como conceitos relativos, que representam pontos arbitrários num *continuum* (Millon & Grossman, 2006). Para Millon a patologia da personalidade representa vários estilos ou padrões disfuncionais em relação ao meio ambiente e ao longo do tempo. Desta forma as perturbações, ou os estilos patológicos da personalidade como Millon preferiu designar, surgem quando as estratégias individuais, utilizadas no alcance de objetivos, na relação com os outros e na forma de lidar com o stress são poucas e rigidificadas (inflexibilidade adaptativa), quando as perceções, as necessidades e os comportamentos habituais perpetuam e intensificam as dificuldades preexistentes (círculos viciosos) e quando a pessoa é pouco resiliente sob condições de stress (estabilidade ténue) (Millon & Grossman, 2006).

Como foi dito, a teoria de Millon baseia-se numa abordagem prototípica, que combina a categorial com a dimensional, mantendo as categorias das perturbações de personalidade, mas conceptualizando-as nas três dimensões principais: *Self*-outros, ativo-passivo e prazer-dor (Magnavita, 2004).

Todavia, o sistema de classificação das perturbações mentais mais amplamente utilizado é o DSM (manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais) que contém os termos e definições correntes que os profissionais de saúde mental utilizam, tanto na investigação como na prática clínica (Faul & Gross, 2006). O DSM constitui um sistema categorial que se baseou no estabelecimento de critérios ateóricos e observáveis do ponto de vista comportamental que indiquem a presença de uma perturbação mental diagnosticável (Magnavita, 2004).

Outro sistema de classificação das perturbações é o dinâmico-estrutural, baseado na compreensão psicodinâmica da estrutura e organização da personalidade (Magnavita, 2004). Neste sistema, a organização da personalidade é também concetualizada num *continuum* que abrange as organizações psicótica, borderline,

neurótica e normal, sendo que cada uma destas organizações representa um grau variável de integridade estrutural que corresponde à capacidade adaptativa do ego (Magnavita, 2004).

Iremos seguidamente focar-nos sobre as abordagens subjacentes a estes dois sistemas de classificação das perturbações da personalidade.

1.4.1. A Abordagem Descritiva – DSM (APA)

A organização do DSM é baseada no modelo médico, sendo as perturbações divididas em categorias separadas. Cada categoria consiste numa lista de sintomas pensados para definir a perturbação. Nesta abordagem, um certo número de sintomas para cada doença devem estar presentes para que o indivíduo possa ser diagnosticado, para além de poder preencher os critérios em mais do que uma categoria de diagnóstico (Tackett & Krueger, 2006).

As perturbações da personalidade são consideradas como sendo dos diagnósticos mais importantes dentro da nomenclatura diagnóstica da APA, uma vez que possuem especial destaque no eixo II, separado do eixo I desde o DSM-III (APA, 1980), apelando assim a uma especial atenção dos clínicos que, de outra forma, poderiam não notar a sua presença (Simonsen & Widiger, 2006). A APA (1980) justificou a separação dos eixos I e II dizendo:

Esta separação garante que é considerada a possível presença de perturbações que são, frequentemente, negligenciadas quando a atenção é direcionada para as perturbações, geralmente mais floridas, do Eixo I. Nalguns casos um indivíduo poderá apresentar perturbações de ambos os eixos. (p.23)

O DSM agrupa as perturbações da personalidade em três clusters, A, B, e C, baseados em semelhanças descritivas, propondo dez perturbações de personalidade (APA, 2000). O *cluster A* é caracterizado por um comportamento estranho ou excêntrico e inclui as perturbações paranoide, esquizoide e esquizotípica (APA, 2000; Magnavita, 2004). Este cluster tende a ser o mais refratário ao tratamento e é provavelmente o que apresenta maiores indícios de fatores genéticos subjacentes (Magnavita, 2004). O *cluster B* é caracterizado por comportamentos inconstantes, emocionais e dramáticos e inclui as perturbações antissocial, borderline, histriónica e narcísica (APA, 2000; Magnavita, 2004). O *cluster C* é caracterizado pela ansiedade e medo e inclui as perturbações evitante, dependente e obsessivo-compulsiva (APA,

2000; Magnavita, 2004). Os indivíduos com as perturbações deste grupo são vistos, normalmente, como os mais responsivos ao tratamento e mostram melhores resultados com tratamentos de curta duração (Magnavita, 2004).

Para que seja diagnosticada uma perturbação da personalidade, segundo o DSM (APA, 2000), é necessário que se verifiquem alguns critérios, nomeadamente, que a personalidade constitua um padrão estável de experiência interna e comportamentos desviantes que se exprime em pelo menos 2 áreas como a cognição, afetividade, relações interpessoais e controlo dos impulsos (Critério A); este padrão deve ser inflexível e global, persistindo numa gama variada de situações sociais e pessoais (Critério B) e originar sofrimento ou incapacidade social em áreas importantes do funcionamento (Critério C). Este padrão estável e de longa duração deve ter tido início na adolescência ou no início da idade adulta (Critério D), os sintomas não devem ser melhor explicados por outra perturbação mental (Critério E) e não podem ser devidos ao consumo de substâncias ou secundários a um estado físico geral (Critério F) (APA, 2000).

Desde o DSM-III as perturbações da personalidade foram separadas de outras psicopatologias, contudo, as investigações neste campo têm revelado que estas são não só uma importante fonte de morbilidade como também têm sérias implicações na compreensão e tratamento das outras perturbações (Livesley, 2001). Alguns autores defendem, desta forma, que as perturbações da personalidade podem ser entendidas num *continuum* com as perturbações do eixo I do DSM, assim como também num *continuum* com o funcionamento geral da personalidade, o que remete para a ideia de uma fronteira ténue entre normalidade e perturbação, ou de outro ponto de vista para a presença de sintomatologia dita patológica na população geral (Livesley, 2001; Widiger & Simonsen, 2006). Este estudo fundamenta-se nesta ideia, uma vez que estudaremos traços disfuncionais de personalidade nos adolescentes da população geral.

Assim, o modelo de classificação do DSM apresenta algumas limitações (Skodol & Bender, 2009; Widiger & Simonsen, 2006) e mesmo a APA (2000), reconhecendo essas limitações, assume a possibilidade de um modelo dimensional em alternativa à perspetiva categorial, no qual as *perturbações da personalidade representam variantes desadaptativas de traços da personalidade que se confundem com a normalidade e entre si* (APA, 2000, p.689). Entre as limitações apontadas à classificação categorial das perturbações da personalidade em geral e ao DSM em particular encontram-se a elevada co-morbilidade, ou seja, elevado número de

pacientes que preenchem os critérios de mais do que uma perturbação da personalidade; pouca abrangência das dez perturbações classificadas, o que leva ao diagnóstico excessivo de perturbação da personalidade sem outra especificação; heterogeneidade nos diagnósticos, isto é, diferenças significativas entre indivíduos com o mesmo diagnóstico; fronteiras instáveis e arbitrarias entre normalidade e perturbação e falta de bases científicas sobre a compreensão da neurobiologia, genética e antecedentes desenvolvimentais das perturbações da personalidade em comparação com outras perturbações (Simonsen & Widiger, 2006; Skodol & Bender, 2009).

A proposta de um modelo dimensional de classificação das perturbações da personalidade no DSM tem sido recorrente e embora a adoção deste modelo não tenha sido ainda efetuada por completo, já a partir do DSM-III-R a APA tentou colmatar algumas falhas adotando uma classificação em que apenas alguns critérios, de entre os listados, são necessários para o diagnóstico (Simonsen & Widiger, 2006; Tackett & Krueger, 2006).

Para a publicação do DSM-5, a proposta de um modelo dimensional de classificação voltou a ser efetuada e fundamentada por vários autores (Allik, 2005; Krueger, 2005; Livesley, 2005; Paris, 2005; Widiger & Simonsen, 2006). A sugestão efectuada foi de que o novo modelo integrasse aspetos de dezoito propostas de modelos dimensionais, que partilham o pressuposto de existência de uma estrutura hierárquica da personalidade (Widiger & Simonsen, 2006; Wright, Thomas, Hopwood, Markon, & Pincus, 2012). Este pressuposto advém do facto de a maioria dos modelos dimensionais se focar na identificação de dimensões ou fatores fundamentais de funcionamento desadaptativo da personalidade que estão subjacentes às categorias de diagnóstico já existentes (Widiger & Simonsen, 2006).

O novo manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais - DSM-5 inclui, de facto, alterações relativamente à definição e aos critérios de diagnóstico das perturbações do eixo II, que subsumem o pressuposto de uma estrutura hierárquica da personalidade. A perturbação da personalidade passa a ser definida, sobretudo, por duas características fundamentais: défice significativo no funcionamento do *Self* e das relações interpessoais e a presença de traços patológicos de personalidade (American Psychiatric Association, 2012). Os critérios gerais de diagnóstico são: défice significativo no funcionamento do *Self* (identidade ou orientação pessoal) e das relações interpessoais (empatia ou intimidade) (*Critério A*); um ou mais domínios ou facetas patológicas da personalidade (*Critério B*); os défices no funcionamento e a

expressão dos traços individuais deverão ser relativamente estáveis e consistentes ao longo do tempo e das situações (*Critério C*), não ser melhor entendidos como aspetos normativos do estágio de desenvolvimento ou ambiente sociocultural do indivíduo (*Critério D*) e não ser melhor explicados por efeitos fisiológicos diretos de uma substância ou de uma condição médica geral (*Critério E*) (American Psychiatric Association, 2012). Quanto à estrutura hierárquica da personalidade, os construtos de identidade ou orientação pessoal (*Self*) e de empatia ou intimidade (outros - relações interpessoais), parecem constituir as dimensões de ordem superior, uma vez que são um critério geral, isto é, transversais a todas as perturbações de personalidade específicas. A estas dimensões seguem-se cinco domínios patológicos (antagonismo, desinibição vs. compulsividade, afetividade negativa, psicoticismo e desprendimento) e por último, na hierarquia, as facetas patológicas específicas de cada perturbação (e.g. excentricidade, hostilidade, impulsividade, depressividade).

Embora o modelo dimensional de classificação das perturbações da personalidade tenha vários defensores, existem também autores mais céticos quanto a este (e.g. Shedler, et al., 2010) que alegam que este modelo poderá não funcionar na prática clínica, o que demonstra, segundo Michels (2012), a falta de consenso entre clínicos e investigadores sobre a melhor forma de classificar as perturbações da personalidade. Os clínicos pretendem um sistema que seja prático e viável no mundo real e que se concentre na essência de cada categoria, já os investigadores pretendem captar tanta informação quanto possível para enfatizar os limites precisos das categorias, ao invés de estabelecer síndromes centrais, que podem ter mais a ver com a teoria do que com os pacientes.

1.4.2. A Abordagem Psicodinâmica

A maior contribuição para a compreensão da personalidade e da psicopatologia da personalidade foi talvez a de Sigmund Freud, autor da teoria psicanalítica (Wiedeman, 1977a). Freud mostrou, através da sua teoria compreensiva da personalidade, que os processos mentais e as ideias inconscientes possuem um papel significativo e fundamental nos pensamentos, sentimentos e comportamentos dos indivíduos (Wiedeman, 1977a).

No modelo desenvolvido por Freud a personalidade organiza-se, essencialmente, por três estruturas funcionais e dinâmicas: o ego - pensamento racional que lida com a realidade externa; o superego - proibições internalizadas e

ideais, e o id - o reservatório de impulsos e desejos conflitantes (Hall & Lindzey, 1966; Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Através desta concepção a psicopatologia passou a conceber-se como o resultado das frustrações e conflitos internos entre estes três sistemas, que davam lugar às neuroses (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002).

Assim, o estudo da psicopatologia da personalidade de acordo a abordagem psicodinâmica enfatiza genericamente três processos fundamentais; a força do ego, os introjetos e as defesas do ego (Bornstein, 2003). Vejamos, seguidamente, cada um destes processos.

Uma baixa força do ego contribui para a psicopatologia porque o indivíduo não consegue realizar adequadamente as funções de teste da realidade, levando a distorções nas percepções intra e interpessoais (Bornstein, 2003). O teste de realidade refere-se à capacidade para diferenciar o *Self* do mundo externo e os estímulos intrapsíquicos dos estímulos externos e para manter uma compreensão dos critérios sociais normais da realidade, os quais são tipicamente perdidos nas psicoses, manifestando-se particularmente em alucinações e ilusões (Kernberg, 2004). A perda de teste de realidade reflete a falta de diferenciação entre as representações do *Self* e do objeto (Kernberg, 2004).

Os introjetos disfuncionais levam igualmente os indivíduos a percepções incorretas de si e dos outros, promovendo padrões de interação disfuncionais e relações interpessoais problemáticas (Bornstein, 2003). Um aspeto central da teoria psicanalítica é noção de que a qualidade das relações, estabelecidas entre as crianças e as figuras parentais, é um fator determinante do desenvolvimento dinâmico da personalidade e do risco da psicopatologia (Bornstein, 1993). Freud foi, provavelmente, o primeiro teórico a dar ênfase aos aspetos evolutivos da personalidade, tendo destacado a importância dos primeiros anos de vida da criança na estruturação da mesma (Hall & Lindzey, 1966). Na abordagem psicodinâmica as experiências da primeira infância, especialmente as experiências negativas extremas, como a privação ou o trauma, desempenham um papel significativo no desenvolvimento da psicopatologia (Tackett & Krueger, 2006). De uma forma geral, os introjetos parentais servem dois propósitos fundamentais para o funcionamento psicológico saudável. Em primeiro lugar, servem como modelos para as relações interpessoais subsequentes, permitindo à criança antecipar as reações dos outros e inferir corretamente os seus pensamentos, motivações e sentimentos. Em segundo lugar, estas representações permitem à criança desenvolver “diálogos internos” com as pessoas significativas (e.g. pai e mãe), o que a ajuda a moderar as tensões e a

ansiedade (Bornstein, 1993). Neste contexto é possível compreender de que forma os introjetos parentais disfuncionais poderão aumentar os riscos de psicopatologia nas crianças. Por um lado, na medida em que estes introjetos resultem em expectativas irrealistas da criança acerca das suas relações interpessoais futuras, por outro lado, na sua incapacidade de lidar com situações que gerem ansiedade (Bornstein, 1993).

As defesas do ego desadaptativas impedem o indivíduo de gerir o stress e a ansiedade adequadamente, levando a níveis mais elevados de decepção consigo próprio e à diminuição do *insight* (Bornstein, 1993). Segundo a abordagem psicodinâmica, os mecanismos de defesa do ego têm um papel central no desenvolvimento da psicopatologia, uma vez que interferem com o funcionamento normal do ego, podendo contribuir para a formação dos sintomas (Wiedeman, 1977b). Assim, os indivíduos ao reagirem inconscientemente com padrões repetitivos de respostas desadaptativas podem desenvolver perturbações da personalidade, com sintomas e dificuldades manifestas nas diversas áreas do funcionamento e da conduta social (Jackel, 1977).

Na classificação psicodinâmica das perturbações da personalidade pode recorrer-se a duas categorias ou clusters gerais, no que concerne à relevância psicodinâmica de cada uma delas: os clusters psicodinâmicos primário e secundário (Bornstein, 2006). As perturbações que formam o cluster psicodinâmico primário incluem a perturbação dependente, narcísica, histriónica, obsessivo-compulsiva, paranoide e borderline da personalidade no DSM-IV-TR. Estas são fortemente afetadas por processos psicodinâmicos e parecem estabelecer-se através de relações precoces problemáticas que levam a défices no funcionamento do ego, introjetos disfuncionais e estilos de defesa ineficazes (Bornstein, 2006). As quatro perturbações que formam o cluster psicodinâmico secundário incluem as perturbações antissocial, evitante, esquizoide e esquizotípica da personalidade no DSM-IV-TR, que se caracterizam por perceções inadequadas do *Self* e do outro, problemas no teste da realidade e estilos de defesa que prejudicam o funcionamento interpessoal e o controlo de impulsos. Estas perturbações são também influenciadas por processos psicodinâmicos, embora pareçam ser secundários em relação a outras variáveis (Bornstein, 2006).

A introdução da teoria estrutural da mente (ego, id e superego) e a sua relação com os mecanismos de defesa foi um importante marco na compreensão da estrutura da personalidade, tornando-se claro para os psicanalistas que para além das neuroses

poderiam estabelecer-se perturbações da personalidade (Jackel, 1977). Foquemo-nos, então, no próximo capítulo no construto psicanalítico de mecanismo de defesa.

2. Mecanismos de Defesa

2.1. O Conceito de Mecanismo de Defesa

A primeira referência aos mecanismos de defesa foi feita por Freud em 1894, no seu trabalho denominado *As Neuropsicoses de Defesa*, no qual o autor descreve as lutas do ego contra os sentimentos, ideias e afetos penosos e insuportáveis para os indivíduos (Freud, 1976).

Os mecanismos de defesa foram concetualizados a partir da experiência clínica de Freud com os pacientes, e o seu papel na patologia foi evidenciado antes mesmo de se ter tornado clara a sua importância no processo de desenvolvimento normal da personalidade (Wiedeman, 1977b). De acordo com o *princípio do prazer*, na teoria de Freud, os indivíduos evitam constantemente os afetos, as ideias e os aspetos da realidade que lhes causam dor e sofrimento e é nesta tarefa que se destacam os mecanismos de defesa (Wiedeman, 1977b). Estes mecanismos operam ao nível inconsciente sendo apenas observáveis de forma indireta, através de impulsos patológicos ou de comportamentos desapropriados, emoções exageradas ou lapsos de memória seletivos (Ihilevich & Gleser, 1986).

O primeiro mecanismo de defesa a ser descrito por Freud foi a *repressão* (ou *recalcamento*), processo através do qual uma pulsão ou ideia inaceitável é tornada inconsciente (Fonagy & Target, 2006). Inicialmente, o termo mecanismo de defesa referia-se à própria repressão e chegou a ser sugerido que esta seria a forma primária de defesa do ego, sendo que todas as outras defesas surgiriam na medida em que a repressão falhasse (Fonagy & Target, 2006; Wiedeman, 1977b). Apenas em meados da década de 1920, Freud generalizou o termo “defesas”, passando a repressão a constituir um mecanismo entre vários outros (Wiedeman, 1977b). Desta forma, Freud definiu como mecanismos de defesa todas as formas de proteção do ego contra os impulsos internos que o indivíduo sente como ameaçadores (Madison, 1961).

Embora Freud tenha descrito alguns mecanismos de defesa do ego (como por exemplo a repressão, a projeção e a sublimação), foi Anna Freud, com a publicação de *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, originalmente publicado em 1936, que criou uma lista sistemática e detalhada destas estratégias defensivas, tendo trazido alguma ordem à definição dos mecanismos de defesa e tendo a pesquisa empírica sobre os mesmos começado a aparecer na sequência dos seus trabalhos (A. Freud, 1972; Bornstein, 2003).

De uma forma genérica pode definir-se os mecanismos de defesa como reações inconscientes a eventos que provocam ansiedade (Juni, 1999) ou, como processos psicológicos automáticos que protegem o indivíduo da ansiedade e da percepção interna ou externa de perigos (Ihilevich & Gleser, 1986). Todavia, não existe consenso entre autores quanto à classificação mais apropriada destas estratégias defensivas e quanto à melhor definição (Vaillant, 1992), existindo vários tipos e concepções teóricas distintas.

2.2. Os Diferentes Tipos e o Desenvolvimento dos Mecanismos de Defesa

A literatura psicanalítica contém descrições de muitos mecanismos de defesa para além dos identificados inicialmente por Freud (e.g. repressão; regressão; *turning against Self*; projeção), sendo que os investigadores psicodinâmicos têm conceptualizado os estilos de defesa e de coping de várias formas, levando a que existam mais de quarenta padrões de resposta de coping e defesa diferentes (Ihilevich & Gleser, 1986).

Os mecanismos de defesa clássicos identificados por S. Freud foram, posteriormente, estudados por Anna Freud que listou os seguintes mecanismos de defesa específicos: *repressão* (tornar inconscientes as representações desconfortáveis), *regressão* (retorno a um nível de desenvolvimento menos maduro), *formação reativa* (estabelecimento de um traço ou padrão regular de comportamento que se opõe diretamente a uma forte tendência inconsciente), *isolamento* (separação entre as ideias e os afetos, mantendo consciência das ideias mas reprimindo as emoções subjacentes), *projeção* (atribuição ao outro das falhas ou características negativas do self), *dissociação* (ruptura na integração da consciência, memória ou percepção do mundo interno ou externo), *turning against self* (agressividade dirigida contra o próprio), *introjeção* (incorporação inconsciente de características do outro) e *negação* (recusa em aceitar a realidade externa ou interna dolorosa) (A. Freud, 1972; Buckley, 1995; Swanson, 1988). Constatando a proeminência de determinados mecanismos de defesa na infância, como a negação, Anna Freud defendeu uma hierarquia das defesas, sendo as defesas primitivas (e.g. negação, projeção) associadas a estádios do desenvolvimento mais precoces e as defesas maduras a estádios mais avançados (A. Freud, 1972; Buckley, 1995).

Contrariamente a esta perspetiva, Vaillant (1992) defendeu que os mecanismos de defesa mais imaturos ou primitivos não estão tão relacionados com o

desenvolvimento psicológico mas com a psicopatologia, podendo verificar-se mecanismos de defesa imaturos ou primitivos em indivíduos adultos perturbados. Desta forma, Vaillant (1992), classificou dezoito mecanismos de defesa que agrupou em quatro categorias, de acordo com a fonte dos conflitos e com a expressão dos impulsos, sendo estas: defesas maduras (e.g. humor), defesas neuróticas (e.g. intelectualização), defesas imaturas (e.g. projeção) e defesas psicóticas (e.g. negação). Para Vaillant (1992) os mecanismos de defesa servem o propósito de manter os afetos dentro dos limites suportáveis para o indivíduo quando surgem alterações repentinas na sua vida emocional; de restaurar a homeostase psicológica, adiando ou desviando os aumentos repentinos dos impulsos biológicos (e.g. puberdade); de obter um período de adaptação às mudanças na autoimagem ou nos seus esquemas que o indivíduo não consegue integrar imediatamente; de lidar com conflitos não resolvidos com pessoas importantes de quem não suporta separar-se (Vaillant, 1992). A classificação de Vaillant parece ser, no entanto, inconsistente com a maioria dos estudos empíricos, que mostram que as pessoas, em vários níveis de adaptação, usam a maioria das defesas classicamente definidas, mas com graus diferentes de teste de realidade (Ihilevich & Gleser, 1986).

Outra perspetiva teórica acerca dos mecanismos de defesa é a de Melanie Klein (1935). Klein postulou uma teoria de desenvolvimento baseada nos pressupostos das relações objetais, na qual defendeu que o desenvolvimento psicológico da criança é governado pelos mecanismos de defesa da projeção e da introjeção (Buckley, 1995; Klein, 1935). Um dos construtos de maior importância na sua teoria foi o mecanismo de defesa *splitting* (clivagem), que consiste na divisão do objeto de forma extremada em “bom” e “mau”. De acordo com Klein (1935), a criança introjeta, a partir do nascimento, os objetos como bons e maus, para os quais o seio de sua mãe é o protótipo (bom quando a satisfaz e mau quando a frustra). Mas é pelo facto de a criança projetar a sua própria agressividade nestes objetos que sente que eles são maus e não apenas por frustrarem os seus desejos: a criança concebe-os como perseguidores, temendo que a devorem ou que a despedacem. Estas imagos, que constituem uma imagem distorcida dos objetos reais em que se baseiam, são assimiladas pela criança, a partir do mundo exterior e são incorporadas no seu ego. Assim, para Melanie Klein, as crianças passam por situações de ansiedade cujo conteúdo é comparável às psicoses nos adultos, reagindo a estas através de mecanismos de defesa como a clivagem (negação da realidade física e externa), que por sua vez podem estar na base de psicoses severas (Klein, 1935).

À medida que as defesas se desenvolvem passam a exercer uma grande influência na forma como o indivíduo experiencia a realidade e, durante o desenvolvimento, os sujeitos vão adquirindo estilos de defesa mais estáveis que evoluem, idealmente, de um padrão de defesa mais imaturo para um mais maduro (Bornstein, 2006; Ihilevich & Gleser, 1986). No entanto, segundo Ihilevich e Gleser (1986), o uso de qualquer tipo de defesas pode tornar-se desadaptativo ou patológico, através de uma utilização exagerada e inflexível ou por uma grande distorção da realidade que podem acarretar. O modelo de Ihilevich e Gleser (1986) sobre os mecanismos de defesa merece especial destaque, uma vez que serve de base ao instrumento de avaliação do estilo defensivo usado neste estudo, modelo sobre o qual nos iremos focar de seguida.

2.3. O Modelo de Ihilevich e Gleser

Segundo a perspectiva de Ihilevich e Gleser (1986), os mecanismos de defesa são respostas relativamente estáveis que servem para distorcer a realidade, utilizadas inconscientemente pelos indivíduos na resolução de conflitos internos ou enfrentamento de ameaças externas, quando estes não o conseguem fazer através dos seus recursos pessoais, competências ou motivações.

No seu modelo, os autores consideram os mecanismos de defesa adaptativos quando utilizados de forma flexível e, a patologia, quando estas respostas defensivas são rígidas, excessivas ou inapropriadas (Ihilevich & Gleser, 1986). Desta forma, o que é importante no desenvolvimento da patologia é não tanto o tipo de defesas mas a rigidez com que são utilizadas e o grau com que distorcem a realidade (Ihilevich & Gleser, 1986)

Ihilevich e Gleser concluíram, através da investigação, que as respostas defensivas às ameaças externas e aos conflitos internos se podiam agrupar em cinco categorias (Ihilevich & Gleser, 1986). Estas categorias são suficientemente distintas umas das outras e envolvem a maior parte dos mecanismos de defesa clássicos previamente identificados na literatura psicanalítica e, para além disso, têm também relação teórica com os principais tipos de psicopatologia e fatores demográficos, biológicos e da personalidade (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

Ihilevich e Gleser (1986) definiram cinco tipos ou categorias de mecanismos de defesa: *Turning Against Object (TAO)*, *Projection (PRO)*, *Principalization (PRN)*, *Turning Against Self (TAS)* e *Reversal (REV)*, caracterizados por um conjunto

específico de operações mentais, respostas emocionais e comportamentos, que correspondem a certos padrões e perturbações da personalidade.

O primeiro tipo de defesa, TAO, envolve a expressão direta ou indireta de agressividade, com o objetivo de obter uma ilusão de controlo das ameaças externas ou de mascarar conflitos internos que são demasiado dolorosos para confrontar de forma consciente (Ihilevich & Gleser, 1986). TAO envolve a transformação da experiência de ser ameaçado na experiência de ameaçar. Inclui tipos de defesa clássicas como o deslocamento e a identificação com o agressor (Ihilevich & Gleser, 1991; 1994). Na psicoterapia, este tipo é descrito como *acting out*, onde o comportamento agressivo impede o *insight* sobre a dinâmica interna da ansiedade (Juni, 1999).

O tipo de defesa PRO envolve a atribuição ao outro de qualidades indesejáveis do Self, como traços e conteúdos negativos (Ihilevich & Gleser, 1986). Estas atribuições podem advir das próprias características negativas do indivíduo, que este nega de forma inconsciente, servindo também para justificar a hostilidade em relação ao outro (Ihilevich & Gleser, 1986). A defesa projeção poderá também ser uma forma de o indivíduo atribuir ao outro a fonte das próprias dificuldades e o sentimento de culpa poderá ocasionar a projeção de intenções maliciosas, de forma a aliviar a ansiedade (Juni, 1999). PRO envolve as defesas da projeção e da externalização (Ihilevich & Gleser, 1986).

O tipo de defesa PRN descreve mecanismos que lidam com os conflitos através de uma reinterpretação da realidade, recorrendo à separação entre os conteúdos afetivos e os eventos (Ihilevich & Gleser, 1986). Assim, de forma a amenizar a ansiedade, o ego desencadeia respostas abstratas e generalistas, sendo que obscurecendo e reinterpretando a realidade, as ameaças tornam-se emocionalmente neutras (Juni, 1999). Incluem-se aqui defesas clássicas como a *intelectualização*, a *racionalização* e o *isolamento do afeto* (Ihilevich & Gleser, 1994).

TAS implica um tipo de defesa que se caracteriza por uma tendência do indivíduo de resolver os conflitos psicológicos dirigindo os comportamentos, os sentimentos e as fantasias agressivas contra si mesmo (Ihilevich & Gleser, 1986). Este tipo de defesa inclui manobras intrapunitivas, que podem providenciar estabilidade ao superego quando usadas com moderação, mas que podem também gerar depressão quando usadas em excesso (Juni, 1999). Este tipo de defesa é normalmente expresso em formas exageradas e persistentes de autocritica, expectativas negativas e humor depressivo (Ihilevich & Gleser, 1986).

Por último, o tipo de defesa REV inclui uma tendência do indivíduo de responder neutra ou positivamente a situações desagradáveis, que supostamente deveriam produzir uma reação negativa (Ihilevich & Gleser, 1986), criando assim um controlo ilusório sobre essa realidade desagradável e atenuando a ansiedade. Incluem-se aqui defesas como a *negação*, a *repressão* e a *formação reativa* (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

Para avaliar os tipos de mecanismos de defesa Ihilevich e Gleser (1969) desenvolveram o *Inventário de Mecanismos de Defesa* – DMI. O DMI é um teste de escolha múltipla construído para avaliar a preferência dos indivíduos por cinco mecanismos de defesa distintos. Este instrumento utiliza uma técnica de escolha forçada que requer que os sujeitos respondam a dez situações de conflito do quotidiano, indicando como agiriam na realidade, como agiriam na fantasia, se seguissem os seus impulsos, que pensamentos teriam e que sentimentos teriam face a cada situação apresentada (Ihilevich & Gleser, 1986). Cinco respostas tipificando as cinco defesas (ou seja, *Turning Against Object*, *Projection*, *Principalization*, *Turning Against Self* e *Reversal*) são dadas para cada questão, tendo o sujeito que selecionar a mais representativa e a mais distante da sua reação (Ihilevich & Gleser, 1969). Vários estudos acerca das características psicométricas do DMI demonstraram a sua validade, sensibilidade e valor como instrumento psicológico de avaliação dos mecanismos de defesa (e.g. Campos, Besser, & Blatt, 2011; Cramer, 1988; Ihilevich & Gleser, 1969; 1986; Juni & Yanishefsky, 1983).

3. Adolescência, Mecanismos de Defesa e Psicopatologia da Personalidade

3.1. Considerações Gerais sobre o Desenvolvimento Normal e Patológico na Adolescência

A adolescência pode definir-se pelos seus problemas específicos, sendo uma fase do desenvolvimento em que os indivíduos vivem uma crise singular, segundo Debesse (1973), a “crise de originalidade juvenil”. Esta vivência pressupõe o antagonismo de pulsões distintas que advêm de fatores oponentes, os que fazem com que os adolescentes permaneçam crianças e os que os fazem tornar-se adultos – “tornam-se adultos do ponto de vista sexual e intelectual, mas permanecem crianças do ponto de vista social e afetivo” (Avanzini, 1980). O desenvolvimento na adolescência pode, assim, caracterizar-se por dois processos fundamentais, o luto das figuras parentais, ou seja, da infância e o desenvolvimento da própria identidade e investimento no objeto de amor. A “crise da adolescência” é, porém, inevitável e acima de tudo essencial e sinal de um desenvolvimento normal (Avanzini, 1980) e estes processos estão presentes quer na sequência normal do desenvolvimento, quer na presença de um desenvolvimento patológico ou no risco de o ser (Coimbra de Matos, 1981).

A avaliação do normal e do patológico na adolescência consiste, de acordo com a teoria psicodinâmica, na compreensão dos sintomas ou dos comportamentos, no sentido de perceber que sentido têm estes como modeladores da personalidade social e, por outro lado, como é que estes modelam o próprio curso do desenvolvimento (Coimbra de Matos, 1981). A perspetiva psicodinâmica da adolescência sugere que, quando a ansiedade se torna incontrolável, ou resulta em formas extremas de *acting out*, autodestruição, ou compromete a saúde de um adolescente, estes são comportamentos patológicos (Adams, 2005). Desta forma, o normal e o patológico na adolescência podem definir-se tendo por base três planos distintos: o conflito psíquico, a organização da estrutura psíquica e o sofrimento implícito ou expresso (Coimbra de Matos, 1981).

Anna Freud foi das primeiras autoras a promover a ideia da adolescência como um período de desarmonia interna, sustentando que com o início da adolescência, o equilíbrio entre as exigências instintivas intrapsíquicas e os mecanismos de defesa do ego está temporariamente interrompido, resultando num período de desordem e tensão (Adams, 2005). Sugeriu vários mecanismos de defesa para este período do desenvolvimento, nomeadamente as defesas contra os objetos libidinais dos períodos

pré-edipiano e edipiano; as defesas de formação reativa; as defesas de retirada da libido para o *Self*; a regressão e as defesas contra os impulsos (Levesque, 2011). Dentro destas defesas, que parecem particularmente frequentes ao longo do desenvolvimento da adolescência, podem referir-se também a intelectualização, o asceticismo, a clivagem e o *acting out* (Marcelli & Braconnier, 2005).

A *intelectualização* prende-se com o controlo das pulsões ao nível do pensamento e revela-se em comportamentos típicos nos adolescentes como a adesão maciça e peremptória a ideais, teorias filosóficas ou políticas; o *asceticismo* caracteriza-se pelo controlo das pulsões ao nível do corpo e revela-se na autoimposição de restrições físicas (e.g. exercício físico, restrições alimentares, recusa em usar roupas quentes), sendo que esta recusa de qualquer satisfação corporal é, presumivelmente, impulsionada pela tentativa de controlo dos desejos sexuais, em particular da masturbação (Marcelli & Braconnier, 2005). A *clivagem* entende-se como duas atitudes opostas face a um mesmo aspeto da realidade interna ou externa e identifica-se em comportamentos contraditórios, que têm como objetivo proteger o adolescente do conflito ambivalente centrado no vínculo às figuras parentais (Marcelli & Braconnier, 2005). Os mecanismos associados à clivagem: *identificação projetiva*, *idealização primitiva*, *projeção persecutória*, são arcaicos e, em parte, responsáveis pelo carácter particular das relações que o adolescente estabelece com o objeto e com o meio, traduzindo-se em comportamentos e atitudes como a adesão a ideais inalteráveis (*identificação projetiva*), na escolha de objetos irrealistas e inacessíveis ou na criação de um ideal megalómano (*idealização primitiva*) e em sentimentos de hostilidade em relação ao mundo que se afigura como um lugar perigoso do qual o adolescente sente que se deve proteger (*projeção persecutória*) (Marcelli & Braconnier, 2005). O *acting out* protege o adolescente do conflito interiorizado e do sofrimento psíquico, mas impede a possibilidade de maturação. Este tipo de defesa pode ocupar todo o campo comportamental, atingindo o seu máximo no quadro psicopático (Marcelli & Braconnier, 2005).

3.2. Mecanismos de Defesa e Traços Disfuncionais de Personalidade na Adolescência

Relativamente aos adolescentes, parece ser mais fiável falar de traços ou estilos disfuncionais da personalidade do que de perturbações, uma vez que é assumido o pressuposto de que a personalidade não está completamente formada até

à idade adulta (Seligman, Walker, & Rosenhan, 2001). Consequentemente, as perturbações da personalidade são, geralmente, diagnosticadas a partir da idade adulta (18 anos), embora as crianças e os adolescentes também possam ser diagnosticados, se preencherem os critérios da perturbação e se os sintomas estiverem presentes, pelo menos, durante 1 ano (APA, 2000; Seligman, Walker, & Rosenhan, 2001).

A investigação no campo da relação entre mecanismos de defesa e perturbações da personalidade tem demonstrado que indivíduos com determinados estilos patológicos da personalidade têm preferência no uso de mecanismos de defesa específicos (Millon, Grossman, Millon, Meagher, & Ramnath, 2004). Millon define uma relação entre estilos de personalidade e tipos de mecanismos de defesa ou estilos de coping específicos e explica como o uso de cada estilo de coping ou mecanismo de defesa pode estar na base do desenvolvimento das perturbações. Este autor defende ainda que uma avaliação sistemática dos mecanismos de defesa é fundamental para uma avaliação abrangente da personalidade (Noam & Recklitis, 1990). Por outro lado, na perspetiva de Ihlevich e Gleser (1986) o que torna os mecanismos de defesa desadaptativos é a sua falta de flexibilidade e a sua falta de apropriação aos contextos.

O modelo de Millon propõe doze protótipos ou estilos de personalidade nos adolescentes que podem ser patológicos, sendo que em cada protótipo existem inúmeras variações. O conceito de estilo de personalidade para Millon baseia-se numa organização holística de necessidades, motivações, traços, mecanismos de defesa, que podem ser compreendidos como sendo partes que o integram e caracterizam (Alchieri, Cervo, & Núñez, 2005). Abordaremos seguidamente cada um dos estilos de personalidade nos adolescentes, proposto por Millon, sendo eles: Introversivo, Inibido, Dolente, Submisso, Dramático, Egocêntrico, Rebelde, Rude, Conformista, Opositivo, Autodestrutivo e Borderline (Davis & Millon, 1997; Millon, 1993).

Os indivíduos com um estilo *introversivo* (passivo-divergente) da personalidade parecem ser emocionalmente planos. Muitas vezes não se preocupam com os seus problemas, são tipicamente confusos e podem ser passivos em relação a cuidar de si mesmos. (Millon, 1982). Os adolescentes introversivos têm dificuldade em experienciar a vida como prazerosa ou dolorosa. Este estilo de personalidade é semelhante à personalidade esquizoide catalogada no DSM, na medida em que estes indivíduos tendem a ser apáticos, distantes e pouco sociáveis. As emoções e a necessidade de afeto são mínimas e os indivíduos tendem a ser observadores

passivos afastados das recompensas afetivas e das relações humanas (Millon, 1993). Os indivíduos com este estilo de personalidade poderão ter preferência, segundo Millon (Millon, Davis, & Millon, 2007), por mecanismos de defesa como a intelectualização.

Os adolescentes com um estilo de personalidade *inibido* (ativo-divergente) tem dificuldade em sentir prazer mas são extramente sensíveis e antecipam a dor psíquica (Millon, 1993). São carateristicamente tímidos e sentem-se pouco à vontade. Tendem a ser magoados pelos outros e são propensos a sentirem-se rejeitados, preocupando-se excessivamente se os outros vão pensar bem ou mal deles. Temendo que os outros se aproveitem deles, mantêm os seus problemas para si mesmos (Millon, 1982). Propensos a preocuparem-se com as segundas intenções dos outros, estes indivíduos são extraordinariamente sensíveis a críticas, são fatalistas e antecipam a possibilidade de serem explorados (Millon, 1982). A teoria classifica como estilos divergentes ambos os estilos introversivo (passivo-divergente) e inibido (ativo-divergente) (Millon, 1993). Estes indivíduos tendem a utilizar mecanismos de defesa como a fantasia (Millon, Davis, & Millon, 2007).

Os adolescentes que apresentam um estilo *submisso* (passivo-dependente) demonstram que o seu bem-estar e os sentimentos de conforto e segurança dependem, quase exclusivamente, das suas relações com os outros. Nos seus comportamentos, demonstram uma grande necessidade de atenção e suporte, de tal forma que ao serem privados destes se sentem tristes e desamparados. Estão constantemente dependentes das iniciativas dos outros e aceitam passivamente as circunstâncias que a vida lhes traz (Millon, 1993). O mecanismo de defesa subjacente é a introjeção (Millon, Davis, & Millon, 2007).

Os adolescentes com um estilo *dramático* (ativo-dependente), embora procurem os outros como forma de lidar com os seus problemas, evidenciam uma postura dependente ativa. Tentam alcançar os seus objetivos de proteção e afeto através de comportamentos manipulativos, sedutores e de chamada de atenção. Este estilo corresponde à perturbação histriónica da personalidade no DSM. Estes adolescentes parecem demonstrar uma insaciável e indiscriminada necessidade de afeto. São argutos e, socialmente, os seus comportamentos parecem revelar autoconfiança e independência. No entanto, são na verdade muito dependentes da aprovação dos outros, dos quais necessitam de sinais constantes de aceitação (Millon, 1993). O mecanismo de defesa subjacente a este estilo é a dissociação (Millon, Davis, & Millon, 2007).

O estilo *egocêntrico* (passivo-independente) envolve o desenvolvimento de uma autoimagem de superioridade. Os adolescentes com este estilo de personalidade são auto-focados e exibem uma autoconfiança e arrogância narcísica nos contextos sociais. Apresentam um estilo passivo-independente, uma vez que sentem que dispõem do que é mais importante para si mesmos, ou seja, eles próprios. Experimentam prazer só pelo facto de atenderem passivamente a si mesmos. Este estilo paraleliza a perturbação narcísica da personalidade no DSM (Millon, 1993). O mecanismo de defesa proposto por Millon (Millon, Davis, & Millon, 2007) é a racionalização.

Os adolescentes com um estilo *rebelde* (ativo-independente) exibem o temperamento e a postura da personalidade antissocial no DSM. Os seus comportamentos, socialmente inaceitáveis, surgem de forma a antecipar e combater as injúrias que os outros lhes possam provocar. Para tal, envolvem-se ativamente de forma hostil em comportamentos ilegais através dos quais procuram recompensas ou a exploração dos outros. Estes adolescentes desejam autonomia e procuram, de certa forma, vingar-se porque sentem terem sido injustiçados. São insensíveis, impulsivos e irresponsáveis justificam a sua forma de ser pelo julgamento que fazem dos outros como sendo desleais e traiçoeiros (Millon, 1993). A defesa que está subjacente a este estilo é o *acting out* (Millon, Davis, & Millon, 2007).

Os adolescentes com um estilo *conformista* (passivo-ambivalente) são orientados para os outros, sendo consistentes no campo social e respeitosos. As suas histórias de vida geralmente indicam que foram submetidos a restrições e disciplina, principalmente quando transgrediam as restrições e expectativas parentais. São prudentes, controlados e perfeccionistas, características que derivam da repressão da própria raiva pelos outros mas ao mesmo tempo do medo de se sentirem humilhados e desaprovados. Por de trás desta complacência, porém, existe nestes adolescentes o enorme desejo de se insubordinarem e de afirmarem os seus próprios desejos e sentimentos, que aprenderam a desvalorizar de forma a evitar a intimidação e punição dos outros. Esta disparidade entre os seus sentimentos e comportamentos leva a uma grande tensão a nível físico e a um controlo psicológico rígido (Millon, 1993). Este estilo é semelhante à perturbação obsessiva-compulsiva da personalidade no DSM. A defesa típica segundo Millon (Millon, Davis, & Millon, 2007) é a formação reativa.

Os adolescentes com um estilo *opositivo* (ativo-ambivalente) demonstram uma orientação ambivalente através da utilização de estratégias de coping que são orientadas tanto para os outros como para si próprios. Esta orientação implica um conflito intenso entre o *Self* e os outros. Nestes adolescentes é característica uma

oscilação entre comportamentos de obediência e de reações desafiantes. Envolvem-se em inúmeras disputas e são susceptíveis a desilusões, sendo que os seus comportamentos seguem um estilo errático de intensa raiva e teimosia intercaladas com sentimentos de culpa e vergonha. Este estilo é similar à perturbação passiva-agressiva do DSM-III e à perturbação negativista do DSM-IV (Millon, 1993). A defesa típica é o deslocamento (Millon, Davis, & Millon, 2007).

O estilo de personalidade *autodestrutivo* (passivo-discordante) deriva de uma reversão da polaridade prazer-dor. Estes adolescentes interpretam os acontecimentos e envolvem-se nas relações interpessoais de uma maneira que não só está em desacordo com a função da polaridade prazer-dor, ou seja a sobrevivência, na busca do prazer e evitamento da dor, mas é contrária às associações que estas emoções costumam adquirir através da aprendizagem. Para eles a dor tornou-se preferível ao prazer, pelo que tendem a intensificar os seus problemas e angústias e a inferiorizarem-se perante os outros. Este estilo de personalidade tem sido motivo de grande especulação na literatura, principalmente na abordagem psicanalítica sob o tema do *masoquismo*, e nas suas formas mais graves pode ter consequências trágicas (Millon, 1993). O mecanismo de defesa subjacente é o exagero (Millon, Davis, & Millon, 2007).

O estilo *rude* (ativo-discordante) refere-se aos adolescentes que também experienciam um conflito no domínio prazer-dor, mas neste caso procuram não só eventos dolorosos com também sentem prazer com os mesmos. Esta variante da polaridade prazer-dor é caracterizada pela preferência da dor, em vez do prazer, na forma de se relacionar com os outros. Contrariamente ao estilo autodestrutivo, os adolescentes com este estilo assumem um papel ativo no controlo, domínio e intimidação dos outros, sendo que os atos de humilhação e abuso são para si prazerosos. Este estilo corresponde ao que na literatura aparece como carácter sádico (Millon, 1993). A defesa típica deste estilo, que se equipara ao estilo agressivo-sádico nos adultos, é o isolamento (Millon, Davis, & Millon, 2007).

Os adolescentes com um estilo *dolente* (passivo/ativo-discordante) experienciam um constante sentimento de perda, de desistência e de falta de esperança. Similarmente à personalidade depressiva descrita no DSM, estes adolescentes parecem manter um sofrimento permanente e consideram não ter a mínima possibilidade de experienciar prazer. Os indivíduos tendem a ser pessimistas e desanimados. Este estilo de personalidade pode ser muito influenciado por uma

predisposição biológica e fatores genéticos (Millon, 1993). A defesa subjacente é o ascetismo (Millon, Davis, & Millon, 2007).

O diagnóstico da perturbação *borderline* (passivo/ativo-ambivalente) deve ser reservado unicamente para os pacientes que apresentem uma organização estável da personalidade que não é nem tipicamente neurótica nem psicótica, mas que se caracteriza por um conjunto típico de sintomas, de defesas do ego, uma patologia nas relações de objeto internalizado e um conjunto de traços genéticos e dinâmicos característicos (Kernberg, 1979). No modelo de Millon, o estilo *borderline*, refere-se a um estilo ou tendência que se caracteriza nos adolescentes com uma organização da personalidade menos integrada, sendo menos efetivos nas suas estratégias de coping do que os adolescentes com outros padrões. Justifica uma maior vulnerabilidade à descompensação face aos problemas do dia-a-dia. Este estilo corresponde na teoria a uma orientação ambivalente, desadaptativa e emocionalmente disfuncional, uma vez que nestes indivíduos se verificam conflitos nas dimensões prazer-dor, ativo-passivo e Self-outros. Estes adolescentes apresentam um humor extremamente lábil, com períodos de grande apatia intercalados com raiva e euforia. Nos casos mais graves podem verificar-se atos de automutilação e ideação suicida (Millon, 1993). O tipo de defesa típico neste estilo é a regressão (Millon, Davis, & Millon, 2007).

3.3. Estudos empíricos

Vinet e Santacana (2006) elaboraram um estudo para analisar a capacidade do Inventário Clínico para Adolescentes de Millon (MACI) para distinguir população geral e população clínica, com o objetivo de avaliar a aplicabilidade do MACI na deteção de casos de risco na população geral e a possível influência de variáveis culturais nas respostas a algumas escalas. Os resultados mostraram que o MACI tem capacidade para discriminar a população geral da população clínica e que pode ser utilizado na avaliação e investigação em ambos os casos. No estudo de Strack (1987), que envolveu mais de 2200 participantes adultos da população geral e de ambos os sexos, os resultados demonstraram a existência dos estilos de personalidade de Millon na população normal e como foram postulados na população com perturbação (Strack, 1987). Por outro lado, Pinto e Grilo (2004) avaliaram a fiabilidade, a eficiência de diagnóstico e a validade do MACI em adolescentes hospitalizados em psiquiatria, sendo que os resultados apoiaram as características psicométricas do MACI como um

bom instrumento de triagem para muitos problemas encontrados em adolescentes internados.

Blumentritt, Angle e Brown (2004) investigaram os traços de personalidade e a sua relação com a sintomatologia apresentada no DSM-IV numa amostra clínica de 142 adolescentes mexicano-americanos. Os traços de personalidade foram avaliados com as escalas de estilos de personalidade do MACI e a sintomatologia apresentada no DSM-IV foi avaliada por quatro subescalas clínicas da APS - *Adolescent Psychopathology Scale* (Reynolds, 1998 citado por Blumentritt, Angle, & Brown, 2004). Os resultados da análise das correlações indicaram que níveis elevados de traços introvertido, autodestrutivo e doente estão relacionados com sintomatologia de internalização (depressão e ansiedade generalizada) e níveis elevados de traços rebelde e opositivos estão relacionados com sintomatologia de externalização (perturbações do comportamento e abuso de substâncias) (Blumentritt, Angle, & Brown, 2004).

No que respeita aos mecanismos de defesa, Noam e Recklitis (1990) por sua vez, investigaram a sua relação com a sintomatologia, utilizando o DMI e o YSF - *Youth Self Report* (Achenbach & Edelbrock, 1983, 1987 citados por Noam & Recklitis, 1990), respetivamente, numa amostra clínica de adolescentes hospitalizados, de ambos os sexos. Os resultados indicaram que os sintomas de externalização estão associadas a defesas que localizam o conflito fora do self, enquanto os sintomas de internalização estão associados a defesas que localizam o conflito internamente (Noam & Recklitis, 1990).

Os estudos de Noam e Recklitis (1990) e de Blumentritt, Angle e Brown (2004) demonstram a existência de duas dimensões internalização/externalização que parecem estar, simultaneamente, subjacentes aos estilos de personalidade e aos mecanismos de defesa, confirmando assim a ideia da existência de uma estrutura multidimensional hierárquica da personalidade, defendida por vários autores (e.g. Markon, Krueger, & Watson, 2005; Widiger & Simonsen, 2006; Wright, et al., 2012).

Berman e McCann (1995), investigaram a relação entre perturbações da personalidade e mecanismos de defesa, utilizando o MCMI-II e o DMI, numa amostra de 130 pacientes psiquiátricos adultos, internados e em ambulatório, de ambos os sexos e todos diagnosticados com uma das perturbações de personalidade do DSM-IV. Os resultados deste estudo revelaram a existência de relações significativas entre os estilos de personalidade avaliados pelo MCMI e determinados mecanismos de defesa, avaliados pelo DMI. O estilo Antissocial associou-se a níveis elevados de TAO

e PRO, e a níveis baixos de PRN; o padrão Borderline a níveis altos de TAS e baixos de PRN e REV; a Perturbação Histriónica e a Narcísica a níveis altos de TAO e níveis baixos de TAS; a Perturbação Compulsiva a níveis altos de PRN e REV e a baixos níveis de TAO; a Perturbação Esquizoide da Personalidade a níveis elevados de TAS; a Perturbação Evitante a níveis elevados de TAS e baixos de PRN; A Perturbação Agressiva-sádica a níveis altos de TAO e baixos de PRN e REV; A Perturbação Autodestrutiva a níveis altos de TAS e baixos de PRN; A Perturbação Paranoide a níveis altos de PRO e baixos de PRN; A Perturbação Dependente a níveis altos de TAS e REV e baixos de TAO e por último a Perturbação Esquizotípica a níveis elevados de PRO e TAS e baixos de PRN e REV.

É necessário notar, neste estudo de Berman e McCann (1995), que os coeficientes de correlação entre estilos de personalidade e os mecanismos de defesa não são particularmente altos (variam entre 0.22 e 0.35), o que significa que, embora exista uma propensão para o uso de determinados mecanismos de defesa por indivíduos com determinadas perturbações de personalidade, não é possível efetuar uma ligação estrita entre um estilo de personalidade e determinados mecanismos de defesa. A realização da análise fatorial neste estudo resultou em cinco fatores, que sugerem que a variância do método pode ser responsável pelos baixos coeficientes de correlação entre o MCMI-II e o DMI (Berman & McCann, 1995).

II. Estudo Empírico

4. Colocação do Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação

O enquadramento dos estilos de personalidade propostos por Millon é efetuado dentro de determinados domínios funcionais e estruturais do ser humano (e.g. comportamento expresso, conduta interpessoal, estilo cognitivo, temperamento), entre os quais se inclui os tipos de mecanismos de defesa específicos de cada estilo (Grossman, 2008; Millon & Davis, 1996).

Para uma avaliação compreensiva e abrangente da personalidade é necessário identificar que mecanismos de defesa são escolhidos pelos sujeitos e em que grau são usados (Millon, Davis, & C. Millon, 2007).

Ihilevich e Gleser (1986) definiram cinco tipos de mecanismos de defesa (*Turning Against Others* – TAO; *Turning Against Self* – TAS; *Principalization* – PRN; *Reversal* – REV; *Projection* – PRO) que constituem respostas relativamente estáveis e que têm a função de distorcer ou manusear a realidade, quando os recursos pessoais dos indivíduos, as suas aptidões e motivações são insuficientes para lidar com os conflitos internos ou com as ameaças externas ao seu bem-estar. Para estes autores, os mecanismos de defesa são adaptativos se usados de forma flexível. No entanto, o seu uso excessivo, rígido ou inapropriado contribui para a psicopatologia.

Embora tenha assumido, na sua conceção teórica, que um determinado mecanismo de defesa pode ser utilizado por indivíduos com diferentes estilos patológicos da personalidade, Millon defendeu que cada estilo está relacionado com a utilização de determinados mecanismos de defesa considerados primários (Berman & McCann, 1995). Assim, cada estilo de personalidade, na variante desadaptativa, será caracterizado por mecanismos de defesa específicos, de acordo com Millon e Davis (1996).

O estilo Introversivo utiliza como defesa primária a intelectualização. Estes indivíduos prestam mais atenção aos aspetos objetivos e formais das suas experiências do que ao significado pessoal e emocional desses eventos. Podem ser abalados por memórias e emoções passadas mas, no geral, o seu mundo interno é menos intrincado e menos intenso do que o dos indivíduos com os outros estilos de personalidade (Millon & Davis, 1996).

Para o estilo Inibido, a defesa proposta é a fantasia. O seu principal recurso é destruir ou reprimir as emoções e pensamentos dolorosos, procurando introduzir aspetos irrelevantes que distorçam e que tornem essas emoções e pensamentos menos significantes. Para esta tarefa, os Inibidos dependem excessivamente da

fantasia e da imaginação, para alcançar algum nível de gratificação e confiança em si mesmos. Podem recorrer também à repressão dos sentimentos, o que os torna aparentemente, indiferentes, frios e contidos, embora na verdade experienciem um verdadeiro tumulto interno de emoções (Millon & Davis, 1996).

O estilo Dolente é, por sua vez, associado ao asceticismo. O principal objetivo destes indivíduos é cumprir a crença de que devem experimentar sofrimento e serem privados de qualquer prazer nas suas vidas. Para além disso, transformam qualquer experiência prazerosa que persista no seu oposto, através de autopunições e julgamentos autodepreciativos (Millon & Davis, 1996).

Para o estilo Submisso, as defesas propostas são a introjeção e a negação. Os sentimentos de inadequação destes indivíduos provocam-lhes receio da solidão e do vazio interno. Estes pensamentos dolorosos são controlados pelo mecanismo de introjeção, processo através do qual estes indivíduos internalizam as crenças e os valores dos outros, imaginando-se a si próprios como uma figura mais forte. A negação também é um mecanismo utilizado pelos indivíduos Submissos. Este mecanismo é mais evidente na qualidade *naïve* das suas atitudes, ao estarem sempre dispostos a amenizar as tensões e conflitos interpessoais, independentemente das suas crenças (Millon & Davis, 1996).

O estilo Dramático é associado às defesas de dissociação e repressão. Os indivíduos dramáticos evitam a introspeção e o pensamento sobre si mesmos, e estão mais atentos aos eventos externos. Estes indivíduos procuram constantemente a atenção dos outros e são teatrais nos seus comportamentos. A sua orientação constante para o que os outros pensam e sentem priva-os de aprenderem a lidar com os seus próprios pensamentos e sentimentos. A postura teatral permite-lhes evitar refletir e integrar o vazio inerente ao verdadeiro *Self* e os pensamentos e emoções dolorosas que, de outra forma, surgiriam conscientemente. Desta forma, aprenderam a reprimir e a dissociar memórias e emoções que lhes causam desconforto (Millon & Davis, 1996).

No estilo Egocêntrico, as defesas características são a racionalização e a fantasia. É frequente nos sujeitos com este estilo de personalidade a expressão de arrogância e altivez e comportamentos expansivos. Os Egocêntricos possuem uma capacidade notável de racionalizar as suas dificuldades, procurando alibis que façam manter o valor que têm para os outros e para si mesmos. Podem viver numa ilusão de superioridade e a maior parte dos seus recursos internos procuram o sustento das suas fantasias. Quando não alcançam os seus objetivos fecham-se sobre si mesmos na busca de consolo e conforto (Millon & Davis, 1996).

Os sujeitos com um estilo Rebelde utilizam como defesas o *acting out* e a projeção. Ao contrário da maioria dos estilos de personalidade, os indivíduos com o estilo Rebelde não reprimem os impulsos repulsivos, antes permitem-se projetá-los e agi-los, independentemente do seu carácter socialmente ofensivo. Os seus ressentimentos são descarregados direta e precipitadamente sem remorsos ou sentimentos de culpa. Utilizam a projeção ao interpretarem os comportamentos dos outros e os incidentes como ataques pessoais e, ao sentirem-se perseguidos, sentem-se também livres para contra-atacar (Millon & Davis, 1996).

Por sua vez o estilo Rude está associado às defesas de isolamento e projeção. Estes adolescentes são frios e, notavelmente, desvinculados de uma consciência do impacto de seus atos destrutivos (Millon & Davis, 1996).

Para o estilo Conformista, as defesas propostas são a formação reativa e a identificação. Os Conformistas utilizam numerosos mecanismos de defesa para manter supremacia sobre os seus sentimentos e disposições antagónicas, sendo o mais característico a formação reativa. Este mecanismo é evidente nos seus esforços repetidos para se envolverem em ações socialmente louváveis que, na verdade, se opõem diametralmente aos seus sentimentos mais profundos e proibidos. Numa forte tentativa de não expor os seus verdadeiros sentimentos de desafio e rebeldia, os seus opostos surgem. Um dos mecanismos que utilizam para transformar os seus impulsos negativos é a identificação; se os conformistas puderem encontrar um modelo punitivo da autoridade para imitar, podem justificar os seus impulsos hostis para com os outros (Millon & Davis, 1996).

A defesa típica do estilo Opositivo é o deslocamento. Uma das características clínicas distintivas dos Opositivos é a escassez de mecanismos de controlo intrapsíquicos. O seu humor, pensamentos, sentimentos e desejos tendem a não ser trabalhados internamente e como consequência são trazidos para o exterior sem serem transformados ou moderados, de forma espontânea e impulsiva. Desta forma, os Opositivos utilizam de forma consistente o deslocamento, evidente na sua tendência para transferir a sua raiva, de forma precipitada e inconsciente, do seu alvo para outros menos significativos (Millon & Davis, 1996).

O estilo Autodestrutivo tem como defesa típica um mecanismo que Millon identifica como *exagero* (Millon & Davis, 1996; Millon, Davis, & C. Millon, 2007). Ao passo que os restantes mecanismos de defesa se desencadeiam de forma a resolver ou a aliviar a dor psíquica, o exagero processa-se de forma inversa neste estilo de personalidade, caracteristicamente masoquista. Nestes indivíduos, a excessiva exposição à dor e aos estímulos stressantes parece diminuir, no limite, os seus

impactos, tornando-os menos dolorosos, devendo ser este o desejo intrapsíquico dos Autodestrutivos.

Por fim, o estilo Borderline tem como defesa típica a regressão. Os indivíduos com um estilo Borderline de personalidade têm tendência a regredir, sob condições stressantes, para níveis desenvolvimentais mais precoces no que se refere à tolerância à ansiedade, controlo dos impulsos e adaptação social. Nestes adolescentes a incapacidade para lidar com as exigências dos adultos e com os conflitos é notória, principalmente nos seus comportamentos imaturos, senão mesmo infantis (Millon & Davis, 1996).

Nove dos mecanismos de defesa apontados por Millon e Davis (1996) como fazendo parte de um determinado estilo de personalidade podem ser facilmente incluídos no modelo de Ihilevich e Gleser (1986, pág.18-21) dentro de uma das suas cinco categorias, sendo estes: Projeção que se insere no tipo PRO, deslocamento e identificação que se inserem no tipo TAO, intelectualização, racionalização e isolamento que se inserem no tipo PRN e formação reactiva, repressão e negação que se inserem no tipo REV. No entanto, a correspondência entre os restantes mecanismos de defesa apontados no modelo de Millon e os 5 tipos de defesas do modelo de Ihilevich e Gleser (1986) não é explícita, pelo que se torna necessário para este estudo, à semelhança do estudo de Berman e McCann (1995), procurar essa conexão.

Ihilevich e Gleser (1986) ponderaram a inclusão do *acting out* e da regressão dentro do tipo TAO, por sugestão de Maizlish (1970, cit. por Ihilevich e Gleser 1986) numa comunicação pessoal, que defendia que estes mecanismos funcionavam como defesas contra o reconhecimento dos conflitos internos. Contudo, mesmo reconhecendo o mérito desta sugestão, os autores abandonaram esta ideia por não encontrarem nestes dois mecanismos exemplos claros de defesas do ego, mas sim expressões sintomáticas dos conflitos internos (Berman & McCann, 1995). No entanto esta conexão parece-nos plausível, uma vez que tanto na proposta de Millon como noutras propostas revistas na literatura o *acting out* e a regressão são considerados mecanismos de defesa (e.g. A. Freud, 1972; Noam & Recklitis, 1990; Vaillant, 1992).

A fantasia não é referida no modelo de Ihilevich e Gleser (1986) como mecanismo de defesa, mas estes autores incluem a negação no tipo REV, desta forma, e uma vez que a fantasia também é referida na literatura como “negação na fantasia” (Freud, 1937/1966 cit. por Berman & McCann, 1995), justifica-se esta conexão.

A dissociação pode ser incluída no tipo REV uma vez que se assemelha à repressão, a qual Ihilevich e Gleser (1986) incluíram neste tipo, no sentido em que

ambas implicam uma falha na consciência dos pensamentos, sentimentos e experiências perturbadoras (Berman & McCann, 1995).

Na perspectiva psicodinâmica, a identificação com o agressor implica a manifestação de agressividade por parte das vítimas para com os outros, ao assumirem os valores de quem está no controlo, isto é, do agressor. Após o processo de identificação com o agressor, que constitui um objeto ambivalente, pode seguir-se a introjeção da agressividade, ou seja, a raiva contra o objeto é revertida para o *Self* (Freud, 1917 cit. por Campos, Besser, & Blatt, 2011). Assim, de entre os cinco tipos de mecanismos de defesa do modelo de Ihilevich e Gleser (1986), a introjeção poderá incluir-se no tipo TAS.

O exagero e o asceticismo podem ser incluídos no tipo TAS, pelo facto de os significados destes mecanismos serem consistentes com a definição desta categoria, que inclui “defesas intrapunitivas auto-infligidas (auto-sádicas) ou infligidas pelos outros (masoquistas) expressas, frequentemente, em auto-criticismo exagerado e persistente, expectativas negativas e humor depressivo” (Ihilevich & Gleser, 1986, p. 21).

Assumindo a capacidade do MACI (Millon, 1993) para identificar estilos disfuncionais de personalidade (Vinet & Santacana, 2006) e dadas as hipóteses de Millon acerca dos mecanismos de defesa específicos em cada estilo patológico de personalidade, o presente estudo tem como primeiro objetivo compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa se associa e pode por conseguinte ajudar a caracterizar os diferentes estilos de personalidade, em adolescentes portugueses. Assim, testaremos as hipóteses de a preferência por determinados mecanismos de defesa poder associar-se aos estilos de personalidade, sendo que cada um destes mecanismos pode ser inserido numa das cinco categorias propostas por Ihilevich e Gleser (1986). A tabela 3 (p.45) resume as hipóteses em estudo.

Refira-se também que compreender a estrutura da personalidade e identificar as suas componentes básicas, tem sido o objetivo de vários autores ao longo do estudo desta dimensão do ser humano (e.g. Eysenck, 1950; Fruyt, et al., 2009; Jung, 1958). Um dos métodos para alcançar este objetivo, amplamente utilizado na investigação, é a análise fatorial (Aiken, 1999; Carver & Scheier, 1996).

Salekin (2002), investigou a estrutura fatorial das escalas do MACI em adolescentes agressores, tendo encontrado um resultado de dois fatores, sendo o fator I, essencialmente, constituído pelos estilos Introversivo, Inibido e Dolente e o fator II pelos estilos Rude e Rebelde. Estes fatores, devido às características dos estilos que neles saturam, podem ser pensados em termos dos processos de funcionamento

psíquico de internalização (fator I) e externalização (fator II) (Salekin, 2002). Estes dois processos estão relacionados com diferentes tipos de problemas emocionais e comportamentais: a internalização inclui sintomatologia como queixas somáticas, ansiedade, depressão e alienação e a externalização comportamentos delinquentes e agressivos (Achenbach, 1991).

Noam e Recklitis (1990) estudaram a relação entre mecanismos de defesa (utilizando o DMI - Ihilevich & Gleser, 1986) e a psicopatologia (utilizando o YSR - Achenbach, 1991) em adolescentes internados com perturbação psiquiátrica, tendo verificado que os sintomas de externalização estão associados a defesas que localizam o conflito fora do *Self* (TAO e PRO), ao passo que os sintomas de internalização estão associados a defesas que localizam o conflito dentro do *Self* (TAS). As defesas do tipo PRN e REV estariam em princípio associadas à internalização embora, de acordo com os resultados encontrados neste estudo, pareçam estar mais associadas à negação da própria sintomatologia, pela ausência de correlação com qualquer um dos dois grupos de problemáticas (Noam e Recklitis, 1990).

Dado o interesse referido pela problemática da estrutura da personalidade nas suas componentes mais globais, o segundo objetivo deste estudo é de identificar tipos de funcionamento interno mais abrangente nos adolescentes, com base simultaneamente em traços de personalidade e mecanismos de defesa. Como foi referido na parte teórica deste trabalho (capítulo 3), quer os traços de personalidade quer os mecanismos de defesa têm sido considerados construtos centrais para a descrição, o estudo e a compreensão do funcionamento da personalidade, embora provenientes de tradições diferentes de investigação e conceptualização sobre o funcionamento mental. Baseando-nos nos estudos antes citados com a população de adolescentes, colocamos as hipóteses de existirem dois tipos de funcionamento interno perturbado mais globais: um tipo de funcionamento interno relacionado com a externalização que caracterize, essencialmente, indivíduos com estilos de personalidade Rebelde, Opositivo, Rude e que utilizem mecanismos de defesa do tipo TAO e PRO; um tipo de funcionamento interno relacionado com a internalização que caracterize indivíduos com estilos de personalidade como Inibido, Introversivo, Dolente e que utilizem, preferencialmente, mecanismos de defesa do tipo TAS, PRN e REV.

Tabela 3 – Hipóteses de Estudo

Estilo de Personalidade	Mecanismo de Defesa Proposto por Millon	Tipo de Defesa correspondente no DMI (Ihilevich & Gleser, 1986)
Inibido	Fantasia	REV
Introversivo	Intelectualização	PRN
Dolente	Asceticismo	TAS
Submisso	Introjeção; Negação	TAS; REV
Dramático	Dissociação; Repressão	REV
Egocêntrico	Racionalização; Fantasia	PRN; REV
Rebelde	<i>Acting Out</i> ; Projeção	TAO; PRO
Rude	Isolamento; Projeção	PRN; PRO
Conformista	F. Reativa; Identificação	REV; TAO
Opositivo	Deslocamento	TAO
Autodestrutivo	Exagero	TAS
Borderline	Regressão	TAO

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV – *Reversal*

5. Metodologia

5.1. Participantes

No estudo participou uma amostra não probabilística de conveniência de 830 adolescentes, alunos do ensino secundário da região de Setúbal (sendo a maior percentagem de alunos - 42.5% - do 12º ano de escolaridade), de ambos os géneros (60.5% do género feminino) e com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos (Média=16.64), como caracterizada na Tabela 4.

Tabela 4 – Caracterização da amostra

Variáveis		Freq.	%	M	DP	Máx.	Mín.
Género	Masculino	328	39.5				
	Feminino	502	60.5				
	Total	830	100				
Idade				16.64	1.091	20	14
Escolaridade (em anos)	10º	193	23.3				
	11º	284	34.2				
	12º	353	42.5				
	Total	830	100				

5.2. Instrumentos

Inventário de Mecanismos de Defesa Versão para Adolescentes – (DMI-Y Versão Portuguesa; Justo, et al., 2011).

O Inventário de Mecanismos de Defesa (*Defense Mechanisms Inventory* - DMI; Ihlévich & Gleser, 1986) é um instrumento de escolha múltipla construído para avaliar a preferência dos indivíduos por cinco tipos de mecanismos de defesa distintos. Este instrumento utiliza uma técnica de escolha forçada que requer que os sujeitos respondam a 10 situações de conflito do quotidiano, apresentadas em 10 vinhetas, seguidas por quatro questões relativas a cada uma delas: ao comportamento real do sujeito na situação descrita, ao comportamento na fantasia, aos pensamentos e aos sentimentos. Cinco respostas tipificando as cinco defesas (ou seja, *Turning Against Others*, *Projection*, *Principialization*, *Turning Against Self* e *Reversal*) são dadas para

cada uma das quatro questões, a partir das quais o sujeito deve selecionar a opção que melhor representaria a sua reação à situação e a opção com que menos se identifica (Ihilevich & Gleser, 1969; 1986).

As categorias de defesa que são avaliados pelo DMI e que constituem as cinco escalas de medida são: *Reversal* (REV) - tendência dos indivíduos para responder neutra ou positivamente a situações desagradáveis, que supostamente deveriam produzir uma reação negativa; *Principalization* (PRN) – tendência para lidar com os conflitos através de uma reinterpretação da realidade, recorrendo ao afastamento entre os conteúdos afetivos e os eventos; *Projection* (PRO) – tendência para atribuir ao outro qualidades indesejáveis do *Self*, como traços e conteúdos negativos; *Turning Against Object* (TAO) - expressão direta ou indireta de agressão contra o outro; e *Turning Against Self* (TAS) - tendência do indivíduo de resolver os conflitos psicológicos dirigindo os comportamentos, os sentimentos e as fantasias agressivas contra si mesmo (Ihilevich & Gleser, 1986).

A versão portuguesa do DMI para adolescentes, DMI-Y (Justo, et al., 2011), apresenta características psicométricas aceitáveis. A consistência interna é, no entanto, melhor nas escalas de TAO e de REV, tanto para rapazes como para raparigas, com Alfas de Cronbach que variam entre .86 e .81. Nas escalas de TAS, PRN e PRO os alfas variam entre .57 e .70.

Inventário Clínico para Adolescentes de Millon (MACI Versão Portuguesa; Cavaco, 2004)

Para avaliar estilos de personalidade e síndromes clínicas nos adolescentes, Millon construiu, em 1974, o *Millon Adolescent Inventory* (MAI) tendo sido este instrumento o precursor do *Millon Adolescent Personality Inventory* (MAPI) que foi publicado em 1982 (Millon, 1993). Mais tarde, com objetivo de desenvolver um instrumento de avaliação, tendo por base um grupo clínico de referência, e acompanhando as alterações efetuadas no DSM, foi construído o *Millon Adolescent Clinical Inventory* (MACI), que difere do MAPI em alguns pontos como por exemplo, a introdução de quatro novos estilos de personalidade, para além dos oito que já existiam (Millon, 1993).

Construído especialmente para adolescentes, o MACI mede a sintomatologia clínica e os estilos da personalidade, apresentando os itens referência a problemáticas que são comuns e exclusivas nos sujeitos desta faixa etária (McCann, 2008). Este inventário, de resposta verdadeiro-falso, é constituído por 160 itens que se agrupam em 31 escalas (27 escalas e 4 índices de validade). Estas escalas organizam-se em três grandes áreas: estilos de personalidade, preocupações expressas e síndromes

clínicas. As escalas de estilos de personalidade foram desenvolvidas para medir os estilos de personalidade operacionalizados a partir da teoria de Millon (Stefurak & Calhoun, 2007). Estes construtos referem-se a dimensões relativamente estáveis do funcionamento psicológico que surgem ao longo do desenvolvimento da criança e estabilizam-se na adolescência como precursores de estilos de personalidade adulta (Vinet, Faúndez, & Larraguibel, 2009). As escalas das preocupações psicológicas representam aspetos importantes do contexto de desenvolvimento do adolescente, que podem gerar conflitos relacionados com os aspetos do desenvolvimento da identidade, da incorporação, da sexualidade e das relações sociais com os pares, familiares e sociedade em geral. As escalas de síndromes clínicas contempladas nos MACI incluem as perturbações afetivas e de adaptação social que são mais prevalentes na adolescência, como por exemplo a tendência para o consumo de substâncias (Vinet, Faúndez, & Larraguibel, 2009). As qualidades psicométricas da versão portuguesa é satisfatória, sendo que a consistência interna das escalas, calculada através dos alfas de Cronbach, apresenta valores que oscilam entre .70 e .80. A média nas escalas de personalidade é de .77 (Cavaco, 2004)

Neste estudo serão utilizadas as 12 escalas de estilos de personalidade: Introversivo, Inibido, Dolente, Submisso, Dramático, Egocêntrico, Rebelde, Rude, Conformista, Opositivo, Autodestrutivo e Borderline (Millon, 1993).

5.3. Procedimento

Os dados amostrais não foram recolhidos especificamente para este estudo, mas sim para um estudo de dois docentes¹ do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora no ano de 2008. Os dados foram recolhidos em aplicações coletivas em sala de aula com um pacote de quatro instrumentos, onde se incluía o MACI e o DMI-Y, a alunos do ensino secundário da região de Setúbal, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Para além dos dados recolhidos através dos instrumentos, cada participante forneceu mais alguns dados sociodemográficos: idade, género e ano de escolaridade.

A mestrandia construiu uma base de dados em *SPSS Statistics 20*. A amostra inicial era de 949 sujeitos, dos quais foram excluídos 119 por preenchimento incorreto de pelo menos 1 questionário. Os casos validados constituem a amostra do estudo, composta por 830 sujeitos. Foram validados 16 casos com valores omissos, os quais foram tratados através do procedimento estatístico de substituição pela média. Este

¹ Professor Doutor Paulo Cardoso e Professor Doutor Rui C. Campos

procedimento consiste no cálculo do valor médio da variável e na atribuição desse valor a cada caso omissos na mesma variável (Pallant, 2005).

Depois de obtidos os dados procedeu-se à análise dos mesmos.

5.4. Metodologia de análise dos dados

Para compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa (MD): TAO, TAS, PRO, REV e PRN se associa aos estilos de personalidade (EP): Introversivo, Inibido, Dolente, Dramático, Egocêntrico, Rebelde, Rude, Conformista, Submisso, Opositivo, Autodestrutivo e Borderline, nos adolescentes, optou-se pela metodologia de análise de Regressão Linear Múltipla. Para este procedimento, introduziu-se cada escala de EP como variável dependente e os cinco MD como variáveis independentes ou preditoras e utilizou-se o método de regressão *Stepwise Forward*. Nas regressões *Stepwise Forward* as variáveis independentes vão sendo adicionadas à equação da regressão se preencherem os critérios estatísticos para tal (como um nível de correlação significativo com a variável dependente), sendo excluídas as que não preenchem esses mesmos critérios. O objetivo é encontrar o conjunto de variáveis que melhor explica e prevê a variável dependente e eliminar as variáveis que não proporcionam nenhum poder explicativo e de previsão adicional (Tabachnick & Fidell, 2007).

Verificaram-se os pressupostos requeridos para a metodologia de Regressão Linear Múltipla. Em primeiro lugar, analisou-se o pressuposto de ausência de multicolineariedade entre as variáveis independentes pelos valores de VIF e Tolerância. Seguidamente prosseguiu-se com a análise dos resíduos e testou-se a normalidade através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, e a linearidade e homocedasticidade através de verificação gráfica.

Com o objetivo de a partir das 17 escalas estudadas, 12 estilos de personalidade e 5 tipos de mecanismos de defesa, tentar identificar tipos de funcionamento interno mais abrangentes em adolescentes, foi utilizada a metodologia de Análise de Componentes Principais. Previamente a esta análise verificou-se, em primeiro lugar, a adequação dos dados através dos testes de Esfericidade de Bartlett e de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). A seguir utilizou-se o critério de *Kaiser* para escolher o número de componentes a reter, aquelas que apresentam um *eigenvalue* superior a 1. Para auxiliar a interpretação dos resultados obtidos, realizou-se a rotação dos fatores através do método de rotação ortogonal *Varimax*. Através deste método minimiza-se o número de variáveis que apresentam um peso significativo em mais do que uma

componente (Pallant, 2005). Em terceiro lugar, para confirmar o número de componentes a reter, realizou-se uma análise paralela através do procedimento de simulação estatístico Monte Carlo PCA (Watkins, 2000 retirado de allenandunwin.com/spss.htm através de Pallant, 2005). Este programa gera até 1000 conjuntos de dados amostrais aleatórios do mesmo tamanho do ficheiro de dados (neste caso: 17 variáveis x 830 casos) e calcula os valores médios dos *eigenvalues* para as 1000 amostras geradas aleatoriamente. A análise paralela consiste em comparar sistematicamente os *eigenvalues* obtidos com a amostra em estudo com os valores obtidos pela simulação na análise paralela. Se o *eigenvalue* for superior ao valor critério correspondente da análise paralela, a decisão é feita no sentido de manter esse fator se, por outro lado, for inferior rejeita-se o fator.

6. Resultados

6.1. Estatística Descritiva

Na tabela 5 podemos observar os valores médios, desvios-padrão, máximos e mínimos obtidos em cada uma das escalas MD (mecanismos de defesa) avaliados pelo DMI e em cada uma das escalas EP (estilos de personalidade) avaliados pelo MACI. A variável MD que apresenta a média mais elevada é PRN (M=47.19; DP=6.28) e a média mais baixa é TAS (M=35.15; DP=6.39). A variável EP que apresenta a média elevada é Submisso (M=50.08; DP=10.14) e a média mais baixa Rude (M=10.63; DP=7.47).

Tabela 5 - Médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos mecanismos de defesa do DMI e dos estilos de personalidade do MACI

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Máximo	Mínimo
Mecanismos de Defesa				
TAO	38.95	9.44	70	9
PRO	40.41	5.86	61	21
PRN	47.19	6.28	63	30
TAS	35.15	6.39	59	14
REV	38.35	8.01	62	18
Estilos de Personalidade				
Introversivo	21.76	9.26	65	3
Inibido	19.71	10.98	64	1
Dolente	13.58	9.50	47	0
Submisso	50.08	10.14	79	16
Dramático	38.26	9.87	57	1
Egocêntrico	33.85	10.11	59	5
Rebelde	27.46	11.16	61	2
Rude	10.63	7.47	38	0
Conformista	46.91	8.89	64	16
Opositivo	22.52	9.74	60	3
Autodestrutivo	22.03	13.80	62	0
Borderline	12.96	7.22	38	0

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV - *Reversal*

O estudo das variáveis quanto à normalidade e assimetria das distribuições foi efetuado pelo teste *Shapiro-Wilk* (SW) e pela análise dos valores de assimetria e achatamento. No que diz respeito às variáveis MD, não se rejeita a hipótese de as variáveis TAO (SW=.99; p=.539), PRO (SW=.99; p=.078) e REV (SW=.99; p=.026) seguirem uma distribuição normal, tendo em conta os níveis de significância de .05 e .01. A escala PRN apresenta uma distribuição assimétrica negativa e a escala TAS uma distribuição assimétrica positiva.

6.2. Resultados das Análises de Regressão Linear Múltipla

Nas tabelas 6, 7 e 8 apresentam-se os modelos de análise de Regressão Linear Múltipla do tipo *Stepwise Forward*.

Tabela 6 (p. 58)

Estilo Introversivo

Para o estilo Introversivo foi selecionado apenas um preditor (TAS) para o modelo de regressão, tendo sido eliminadas do modelo as variáveis TAO, PRO, PRN e REV. O modelo explica 11.4% da variância (R^2) do estilo Introversivo. Este modelo é estatisticamente significativo ($\beta=.338$, $p=.000$). Pelo valor de β verifica-se que a variável TAS tem uma relação positiva com a variável estilo Introversivo.

Estilo Inibido

Para o estilo Inibido foram selecionados dois preditores (TAS e PRO) e foram eliminadas do modelo final as variáveis TAO, PRN e REV. As variáveis TAS e PRO explicam, em conjunto, 14.1% da variância (R^2) do estilo Inibido. Ambos os preditores dão uma contribuição estatisticamente significativa para a variável estilo Inibido (1. $\beta=.368$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAS}=.394$, $p=.000$, $\beta_{PRO}=.078$, $p=.023$), para $\alpha=.05$. A análise dos valores de β , permite-nos verificar que as variáveis TAS e PRO têm ambas uma relação positiva com a variável estilo Inibido.

Estilo Dolente

Para o estilo Dolente foram selecionados três preditores (TAS, REV e PRN), tendo sido eliminadas as variáveis TAO e PRO. As variáveis TAS, REV e PRN explicam, em conjunto, 11% da variância (R^2) do estilo Dolente. Todos os preditores são significativos (1. $\beta_{TAS}=.289$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAS}=.279$, $p=.000$, $\beta_{REV}=-.149$, $p=.000$;

3. $\beta_{TAS}=.276$, $p=.000$, $\beta_{REV}=-.121$, $p=.001$, $\beta_{PRN}=-.072$, $p=.043$), para $\alpha =.05$. Verifica-se também pelos valores de β que as variáveis REV e PRN têm uma relação negativa com a variável estilo Dolente.

Estilo Submisso

Para o estilo Submisso dois preditores foram selecionados (TAO e TAS). As variáveis PRO, PRN e REV foram eliminadas. As variáveis TAO e TAS explicam 19.1% da variância (R^2) do estilo Submisso. Ambos os preditores são estatisticamente significativos para a variável estilo Submisso (1. $\beta_{TAO}=-.370$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAS}=-.279$, $p=.000$, $\beta_{TAS}=.250$, $p=.000$). Verifica-se que a variável TAO tem uma relação negativa com a variável estilo Submisso.

Estilo Dramático

Para o estilo Dramático foi selecionado apenas um preditor (TAS), tendo sido eliminadas as variáveis TAO, PRO, PRN e REV. O modelo explica 13.1% da variância (R^2) do estilo Dramático. Este modelo é estatisticamente significativo ($\beta_{TAS}=-.362$, $p=.000$), para um nível de significância de .05. Como se pode verificar pelo valor de β a variável TAS tem uma relação negativa com a variável estilo Dramático.

Estilo Egocêntrico

Para o estilo Egocêntrico foi, também, selecionado apenas um preditor (TAS), tendo sido eliminadas do modelo as variáveis TAO, PRO, PRN e REV. A variável TAS explica 13.6% da variância (R^2) de Egocêntrico. Este modelo é estatisticamente significativo ($\beta_{TAS}=-.368$, $p=.000$), para um nível de significância de .05. Como se pode verificar pelo valor de β a variável TAS tem uma relação negativa com a variável estilo Egocêntrico.

Tabela 7 (p. 59)

Estilo Rebelde

Para o estilo Rebelde três preditores foram selecionados (TAO, TAS e PRN). As variáveis PRO e REV foram eliminadas. As variáveis TAO, TAS e PRN explicam 16.1% da variância (R^2) do estilo Rebelde. Os preditores são estatisticamente significativos (1. $\beta_{TAO}=.362$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAO}=.304$, $p=.000$, $\beta_{TAS}=-.160$, $p=.000$; 3. $\beta_{TAO}=.204$, $p=.000$, $\beta_{TAS}=-.204$, $p=.000$, $\beta_{PRN}=-.130$, $p=.005$), para $\alpha =.05$. Verifica-se pelos valores de β que as variáveis TAS e PRN têm uma relação negativa com a variável Rebelde.

Estilo Rude

Para o estilo Rude três preditores foram selecionados (TAO, PRO e REV). As variáveis TAS e PRN foram eliminadas dos modelos. O conjunto das variáveis selecionadas, TAO, PRO e REV, explica 17.9% da variância (R^2) do estilo Rude. Os preditores são significativos (1. $\beta_{TAO}=.406$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAO}=.365$, $p=.000$, $\beta_{PRO}=.094$, $p=.008$; 3. $\beta_{TAO}=.433$, $p=.000$, $\beta_{PRO}=.137$, $p=.000$, $\beta_{REV}=.125$, $p=.010$), para $\alpha =.05$. Verifica-se pelos valores de β que todas as variáveis têm uma relação positiva com a variável estilo Rude.

Estilo Conformista

Para o estilo Conformista dois preditores foram selecionados (TAO e PRN). As variáveis TAS, PRO e REV foram eliminadas. As variáveis TAO e PRN explicam, em conjunto, 13.6% da variância (R^2) do estilo Conformista. Os preditores são estatisticamente significativos (1. $\beta_{TAO}=-.355$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAO}=-.271$, $p=.000$, $\beta_{PRN}=.130$, $p=.002$), para $\alpha=.05$. Verifica-se pelos valores de β que a variável TAO tem uma relação negativa com a variável estilo Conformista.

Estilo Opositivo

Para o estilo Opositivo dois preditores foram selecionados (PRN e REV). As variáveis TAO, PRO e TAS foram eliminadas. As variáveis PRN e VER explicam 8.6% da variância (R^2) do estilo Opositivo. Ambos os preditores são estatisticamente significativos (1. $\beta_{PRN}=-.245$, $p=.000$; 2. $\beta_{PRN}=-.177$, $p=.000$, $\beta_{REV}=-.176$, $p=.000$), para $\alpha=.05$. Verifica-se que todas as variáveis selecionadas têm uma relação negativa com a variável estilo Opositivo.

Tabela 8 (p. 60)

Estilo Autodestrutivo

Para o estilo Autodestrutivo três preditores foram selecionados (TAS, TAO e PRO). As variáveis PRN e REV foram eliminadas. As variáveis selecionadas TAS, TAO e PRO, explicam 13.7% da variância (R^2) do estilo Autodestrutivo. Todos os preditores são significativos (1. $\beta_{TAS}=.332$, $p=.000$; 2. $\beta_{TAS}=.389$, $p=.000$, $\beta_{TAO}=.156$, $p=.000$; 3. $\beta_{TAS}=.407$, $p=.000$, $\beta_{TAO}=.126$, $p=.001$, $\beta_{PRO}=.085$, $p=.020$), para $\alpha =.05$. Verifica-se pelos valores de β que todas as variáveis têm uma relação positiva com a variável estilo Autodestrutivo.

Estilo Borderline

Para o estilo Borderline três preditores foram selecionados (REV, TAS e PRN). As variáveis TAO e PRO foram eliminadas. O conjunto das variáveis REV, TAS e PRN explica 9.1% da variância do estilo Borderline. Todos os preditores são significativos (1. $\beta_{REV} = -.208$, $p = .000$; 2. $\beta_{REV} = -.194$, $p = .000$, $\beta_{TAS} = .184$, $p = .000$; 3. $\beta_{REV} = -.144$, $p = .000$, $\beta_{TAS} = .180$, $p = .001$, $\beta_{PRN} = -.131$, $p = .020$), para $\alpha = .05$. Verifica-se pelos valores de β que as variáveis REV e PRN têm uma relação negativa com a variável Borderline. A variável TAS tem uma relação positiva com a variável Borderline.

Através dos valores da Tolerância e do VIF, nas tabelas 6, 7 e 8, podemos verificar o pressuposto de ausência de multicolineariedade entre variáveis. A Tolerância é um indicador da variabilidade de cada variável que não é explicada pelas outras variáveis independentes, se for inferior a .1 indica que existem correlações elevadas com as outras variáveis. O valor do VIF é o inverso da tolerância, sendo que os valores deste não devem ser superiores a 10 (Pallant, 2005). Os valores de Tolerância são todos superiores a .1 e os de VIF superiores a 10, pelo que se pode confirmar a ausência de multicolineariedade entre as variáveis preditoras.

Testou-se a normalidade dos resíduos pelo teste *Kolmogorov-Smirnov*, tendo em conta níveis de significância de .05 e de .01. Verificou-se que para as variáveis Dramático ($p = 2.00$), Rude ($p = .019$), Conformista ($p = .019$) e Opositivo ($p = .045$) não se rejeita a hipótese de seguirem uma distribuição normal, para os níveis de significância .05 e .01. Para as restantes variáveis não podemos afirmar, pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov*, que os resíduos seguem uma distribuição normal ($p = .000$). Os pressupostos de linearidade e homocedasticidade foram analisados pelos *Scatterplots*. Verificou-se, para todas as variáveis, uma relação linear entre os valores previstos e os resíduos da regressão, confirmando-se o pressuposto da linearidade. As variáveis Inibido, Dolente, Rude e Autodestrutivo violaram o pressuposto de homocedasticidade.

Alguns *outliers* foram identificados pela análise dos *Boxplots*. O SPSS define como outliers os valores que excedem em 1.5 o comprimento do diagrama de caixa e como valores extremos os que excedem 3. Para cada variável identificou-se o seguinte número de outliers: TAO-7; PRO-7; PRN-0; TAS-11; REV-3; Introversivo-10; Inibido-10; Dolente-6; Submisso-10; Dramático-9; Egocêntrico-2; Rebelde-7; Rude-9; Conformista-4; Opositivo-6; Autodestrutivo-2; Borderline-6. Para a variável Introversivo verificou-se um caso com valor extremo (superior). Pela análise dos valores da média aparada de 5% (excluídos 5% dos valores inferiores e 5% dos valores superiores de cada variável), verificou-se que estes não diferem significativamente dos valores da média aritmética, pelo que se optou por manter os outliers.

Tabela 6 – Modelos de Regressão *Stepwise Forward*

	Modelos	B	β	t	p	Tol.	VIF	R	R ²	F	p
Introversivo	1							.338	.114	106.77	.000
	TAS	.490	.338	10.33	.000	1.00	1.00				
Inibido	1							.368	.135	129.64	.000
	TAS	.632	.368	11.38	.000	1.00	1.00				
	2							.375	.141	67.74	.000
	TAS	.677	.394	11.51	.000	.887	1.12				
	PRO	.146	.078	2.27	.023	.887	1.12				
Dolente	1							.289	.084	75.62	.000
	TAS	.430	.289	8.69	.000	1.00	1.00				
	2							.325	.106	48.86	.000
	TAS	.414	.279	8.44	.000	.995	1.00				
	REV	-.176	-.149	-4.51	.000	.995	1.00				
	3							.332	.110	34.06	.000
	TAS	.411	.276	8.39	.000	.994	1.00				
	REV	-.143	-.121	-3.38	.001	.847	1.18				
	PRN	-.109	-.072	-2.02	.043	.848	1.17				
Submisso	1							.370	.137	131.57	.000
	TAO	-.397	-.370	-11.47	.000	1.00	1.00				
	2							.437	.191	97.85	.000
	TAO	-.299	-.279	-8.30	.000	.867	1.15				
	TAS	.397	.250	7.44	.000	.867	1.15				
Dramático	1							.362	.131	124.66	.000
	TAS	-.558	-.362	-11.16	.000	1.00	1.00				
Egocêntrico	1							.368	.136	130.02	.000
	TAS	-.582	-.368	-11.40	.000	1.00	1.00				

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV – *Reversal*; Tol. - Tolerância

Tabela 7 – Modelos de Regressão *Stepwise Forward* (cont.)

	Modelos	B	β	t	p	Tol.	VIF	R	R ²	F	p
Rebelde	1							.362	.131	124.87	.000
	TAO	.428	.362	11.17	.000	1.00	1.00				
	2							.391	.153	74.78	.000
	TAO	.359	.304	8.83	.000	.867	1.15				
	TAS	-.279	-.160	-4.64	.000	.867	1.15				
	3							.402	.161	52.98	.000
	TAO	.241	.204	4.15	.000	.423	2.36				
	TAS	-.356	-.204	-5.42	.000	.719	1.39				
	PRN	-.231	-.130	-2.84	.005	.486	2.05				
Rude	1							.406	.165	163.56	.000
	TAO	.321	.406	12.78	.000	1.00	1.00				
	2							.415	.172	85.97	.000
	TAO	.289	.365	10.40	.000	.812	1.23				
	PRO	.120	.094	2.67	.008	.812	1.23				
	3							.423	.179	59.89	.000
	TAO	.343	.433	9.87	.000	.516	1.93				
	PRO	.175	.137	3.53	.000	.658	1.51				
	REV	.116	.125	2.56	.010	.420	2.38				
Conformista	1							.355	.126	119.05	.000
	TAO	-.334	-.355	-10.91	.000	1.00	1.00				
	2							.368	.136	64.87	.000
	TAO	-.255	-.271	-6.41	.000	.586	1.70				
	PRN	.184	.130	3.07	.002	.586	1.70				
Opositivo	1							.245	.060	53.06	.000
	PRN	-.380	-.245	-7.28	.000	1.00	1.00				
	2							.294	.086	39.12	.000
	PRN	-.274	-.177	-4.91	.000	.849	1.17				
	REV	-.213	-.176	-4.87	.000	.849	1.17				

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV – *Reversal*; Tol. - Tolerância

Tabela 8 – Modelos de Regressão *Stepwise Forward* (cont. II)

	Modelos	B	β	t	p	Tol.	VIF	R	R ²	F	p
Autodestrutivo	1							.332	.111	102.86	.000
	TAS	.717	.332	10.14	.000	1.00	1.00				
	2							.363	.132	62.67	.000
	TAS	.840	.389	11.18	.000	.867	1.15				
	TAO	.228	.156	4.48	.000	.867	1.15				
	3							.370	.137	43.80	.000
	TAS	.878	.407	11.45	.000	.828	1.20				
	TAO	.183	.126	3.38	.001	.758	1.32				
	PRO	.201	.085	2.32	.020	.775	1.29				
Borderline	1							.208	.043	37.30	.000
	REV	-.187	-.208	-6.10	.000	1.00	1.00				
	2							.277	.077	34.38	.000
	REV	-.175	-.194	-5.80	.000	.995	1.00				
	TAS	.208	.184	5.49	.000	.995	1.00				
	3							.302	.091	27.64	.000
	REV	-.130	-.144	-3.99	.000	.847	1.18				
	TAS	.203	.180	5.40	.000	.994	1.00				
	PRN	-.150	-.131	-3.62	.000	.848	1.17				

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV – *Reversal*; Tol. - Tolerância

6.3. Resultados da Análise em Componentes Principais

Para confirmar a adequação dos dados à realização da Análise em Componentes Principais testaram-se os pressupostos. Os valores obtidos no teste KMO e no Teste de esfericidade de Bartlett (KMO .658 > .6; Bartlett p .000 < .05), confirmam a adequação dos dados à análise.

Pelo critério de Kaiser (as componentes com *eigenvalues* superiores a 1 são retidas) 3 fatores deverão ser extraídos. Através da análise paralela com o programa de simulação de Monte Carlo PCA confirma-se que se deverão extrair 3 componentes. A decisão de extração é tomada para os 3 primeiros fatores cujos *eigenvalues* obtidos são superiores aos valores critério da análise paralela (Tabela 9).

Tabela 9 - Análise Paralela Monte Carlo PCA

Componentes	<i>Eigenvalues</i> obtidos	<i>Eigenvalues</i> critério
1	6.030	1.2547
2	4.834	1.2044
3	1.918	1.1657
4	.911	1.1315

Nota: Apenas as componentes com os valores destacados foram retidas

Na tabela 10 observa-se a saturação de cada uma das variáveis nas três componentes. Comrey e Lee (1992, citados por Tabachnick e Fidell, 2007), sugeriram que as saturações que excedem .71 são consideradas excelentes, .63 muito boas, .55 boas, .45 razoáveis e .32 fracas. Para efeitos de interpretação dos resultados apenas as variáveis com saturações superiores a .35 serão consideradas.

Na primeira componente verifica-se que as variáveis EP com maior peso são Inibido (.919), Introversivo (.883), Autodestrutivo (.860) e Dolente (.845) com uma relação positiva e Dramático (-.896) e Egocêntrico (-.859) com uma relação negativa. Quanto às variáveis MD, apenas TAS (.480) satura razoavelmente na primeira componente.

Na segunda componente verifica-se que as variáveis EP com maior peso são Rebelde (.871), Rude (.869) e Opositivo (.795), com uma relação positiva e Conformista (-.852) e Submisso (-.642) com uma relação negativa. Nenhuma variável MD satura nesta componente.

Na terceira componente apenas saturam variáveis MD, sendo que TAO (.836) e PRO (.776) apresentam uma saturação positiva e REV (-.816) e PRN (-.746) uma saturação negativa.

As variáveis Autodestrutivo e Opositivo saturam significativamente tanto na componente I como na componente II, embora o seu peso seja mais significativo numa das duas; Autodestrutivo tem uma saturação considerada excelente na componente I e fraca na componente II e Opositivo tem uma saturação excelente na componente II e razoável na componente I. As variáveis Submisso e Borderline apresentam boas saturações tanto na componente I como na componente II. A variável Submisso apresenta uma saturação positiva na componente I e negativa na componente II e a variável Borderline uma saturação positiva em ambas as componentes.

A componente I explica a maior porcentagem de variância sendo esta de 34.9%, a componente II explica 24% e a componente III uma porcentagem de 16.1%. A variância total captada pelas 3 componentes é de 75.18%.

Tabela 10 – Matriz de Componentes Rodadas

Variáveis	Componentes			Total
	I	II	III	
Inibido	.919	-0.085	.051	
Dramático	-.896	.190	-.012	
Introversivo	.883	.106	-.002	
Autodestrutivo	.860	.367	.040	
Egocêntrico	-.859	.233	.025	
Dolente	.845	.331	.057	
Borderline	.675	.566	.085	
TAS	.480	-.169	-.191	
Rebelde	-.275	.871	.164	
Rude	-.119	.869	.221	
Conformista	-.201	-.852	-.197	
Opositivo	.431	.795	.135	
Submisso	.530	-.642	-.200	
TAO	-.119	.244	.836	
REV	-.099	-.101	-.816	
PRO	-.103	.101	.776	
PRN	-.153	-.085	-.746	
% Variância	34.97	24.04	16.17	75.18

Nota: TAO – *Turning Against Others*; PRO – *Projection*; PRN – *Principalization*; TAS – *Turning Against Self*; REV – *Reversal*

Para efeitos de interpretação dos resultados consideram-se significativas as saturações superiores a .35 (Tabachnick & Fidell, 2007), sendo essas salientadas na tabela.

7. Discussão

O presente trabalho teve como primeiro objetivo compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa se pode associar a diferentes estilos de personalidade, nos adolescentes. Tendo-se optado pela metodologia de análise da Regressão Linear Múltipla, utilizou-se como variáveis antecedentes ou predictoras os cinco tipos de mecanismos de defesa propostos por Ihlévich e Gleser (1986) e como variáveis consequentes ou dependentes os doze estilos de personalidade propostos por Millon (1993). Os resultados obtidos através das análises de regressão apoiam algumas das hipóteses colocadas e hipóteses que, embora não tenham sido previstas, parecem ter uma explicação teoricamente fundamentada. Vejamos, então, a relação dos mecanismos de defesa com cada estilo em particular.

Para o estilo Inibido, os resultados não apoiam a hipótese de estar associado ao tipo REV, dado que o mecanismo de defesa específico previsto teoricamente como estando associado é a fantasia. À semelhança dos resultados do estudo de Berman e McCann (1995), este estilo parece estar mais relacionado com TAS. Este resultado pode, no entanto, ser compreendido à luz da teoria de Millon, uma vez que este estilo de personalidade, do tipo divergente, pode refletir propensão para a culpa e para o afastamento das relações pessoais (Berman & McCann, 1995; Millon & Davis, 1996). Os Inibidos têm tendência a não confiar nos outros e a ter uma imagem distorcida de si mesmos com baixa autoestima. Procuram a todo o custo controlar estas emoções e impulsos negando-os e distorcendo-os, por vezes ao ponto de os tornar ainda mais discordantes e dolorosos (Millon & Davis, 1996).

Esperava-se que o estilo Introversivo se associasse a mecanismos de defesa do tipo PRN, dado utilizarem a intelectualização como mecanismo de defesa primário. Os resultados obtidos apontam para uma relação mais evidente entre este estilo e o tipo de mecanismo de defesa TAS, corroborando também o resultado de Berman e McCann (1995). O estilo Introversivo, tal como o Inibido, insere-se no tipo divergente na conceção de Millon, sendo que na variante patológica, equivalente à personalidade esquizoide, implica uma grande incapacidade para sentir ou exprimir as emoções.

Quanto ao estilo Dolente, os resultados confirmaram a hipótese de estar associado a TAS. No entanto a análise de regressão não excluiu os mecanismos REV e PRN como preditores do estilo Dolente, ambos com uma relação negativa com este estilo de personalidade. O mecanismo de defesa REV consiste em responder de forma positiva ou neutra a eventos que poderiam provocar reações negativas (Ihlévich & Gleser, 1991). Os adolescentes com estilo Dolente, porém, não só tendem a repudiar eventos ou memórias prazerosas como também os transformam nos seus opostos,

através de auto-julgamentos negativos e sentimentos de culpa (Millon & Davis, 1996). Este comportamento é inverso ao mecanismo de defesa REV, pelo que se justifica a relação negativa com o estilo Dolente. Já o mecanismo PRN é utilizado tanto para afastar frustrações menores, bem como para enfrentar as principais ameaças à autoestima (Ihilevich & Gleser, 1986), fazendo sentido que a não utilização deste mecanismo se relacione com o estilo Dolente.

Os resultados obtidos apoiaram também a hipótese de o estilo Submisso estar associado a mecanismos do tipo TAS. No entanto, a previsão de que fosse também explicado por REV não foi apoiada, surgindo em vez disso TAO com uma relação negativa. A hipótese de que a utilização de mecanismos do tipo REV poderia estar associada ao estilo Submisso prende-se com o facto de estes adolescentes poderem utilizar mecanismos como a negação dos seus próprios sentimentos, emoções, valores em prol dos outros (Millon & Davis, 1996). A relação negativa com defesas do tipo TAO pode justificar-se pelo evitamento do confronto com os outros, típico deste estilo.

Os estilos Dramático e Egocêntrico são explicados pela relação negativa com TAS e não pelos mecanismos do tipo REV e PRN, resultados também encontrados por Berman e McCann (1995). Sendo um estilo de personalidade dependente e orientado para o mundo externo é próprio dos adolescentes dramáticos ou histriónicos agir no sentido de alcançar o julgamento positivo dos outros (Millon & Davis, 1996). Os seus comportamentos são dramáticos e teatrais mas servem, na verdade, para mascarar o seu vazio interno e reprimir as emoções ou sentimentos que lhes possam causar desconforto consciente (Millon & Davis, 1996). O contraste entre o seu verdadeiro *Self* e a postura exagerada que querem demonstrar aos outros leva-os a reprimir todo o seu mundo interno, ou seja, é a trivialidade de todo o seu ser, o seu vazio profundo e a sua falta de conteúdo, que devem ser mantidos inconscientes (Millon & Davis, 1996). Estes comportamentos justificam a relação inversa deste estilo de personalidade com mecanismos de defesa do tipo TAS. Por sua vez, os adolescentes Egocêntricos ou narcisistas são extremamente autocentrados e possuem excessiva confiança em si mesmos, o que os leva a redimirem-se facilmente das suas falhas (Millon & Davis, 1996) contrariamente aos indivíduos que utilizam TAS. Para além disso, a investigação tem demonstrado, apesar das diferenças teóricas e clínicas importantes, que o narcisismo partilha várias características interpessoais e afetivas com a psicopatia (e.g. grandiosidade, abuso e exploração dos outros, falta de remorso ou empatia), que parecem relacionar-se com a expressão de agressividade e violência para com os outros (Penney, Moretti, & Silva, 2008; Salekin,

Ziegler, Larrea, Anthony, & Bennett, 2003; Skeem, Poythress, Edens, Lilienfeld, & Cale, 2003), o que também pode explicar a relação negativa com TAS.

Os resultados obtidos para o estilo Rebelde, apoiam a hipótese de este ser explicado pela utilização de mecanismos do tipo TAO, como o *acting out*, mas sugerem que a relação negativa deste estilo com os mecanismos do tipo TAS e PRN tem também poder preditivo. A utilização de PRO não está associada a este estilo, contrariamente ao previsto. Estes resultados sugerem que o estilo Rebelde, relacionado com a delinquência, não está tão associado à projeção mas ao deslocamento dos conflitos para objetos neutros, resultando em comportamentos como a destruição de propriedades ou a desobediência a pais e professores (Noam & Recklitis, 1990). Dada a sua percepção negativa dos outros e do meio, não sentem necessidade de racionalizar a sua impulsividade (relação negativa com PRN) para passarem aos atos agressivos.

Para o estilo Rude colocámos a hipótese de que os mecanismos de defesa do tipo PRN, como o isolamento e PRO estivessem associados a este. Confirmando-se a hipótese de a utilização de PRO se associar ao estilo Rebelde, os resultados sugerem, no entanto, que em vez de PRN são os mecanismos do tipo TAO e REV que se associam a este estilo. A utilização de TAO faz sentido, na medida em que os adolescentes Rudes ou agressivos-sádicos sentem prazer provocando dor nos outros (Berman & McCann, 1995). As consequências, supostamente, negativas e dolorosas dos seus atos são mantidas inconscientes ou neutralizadas (Millon & Davis, 1996), o que sugere justamente o uso de mecanismos do tipo REV. A utilização de PRO neste estilo de personalidade (contrariamente aos adolescentes com estilo Rebelde) pode estar relacionada com a projeção nos outros de aspetos que os sujeitos negam em si, o que aumenta a probabilidade de comportamentos agressivos, tais como atacá-los e ameaçá-los (Noam & Recklitis, 1990), dado que o sujeito identifica nos outros precisamente características negativas que rejeita em si.

Os resultados obtidos para o estilo Conformista sugerem que os mecanismos de defesa do tipo PRN têm maior poder preditivo deste estilo de personalidade do que os do tipo REV, que inclui a formação reativa, contrariamente à hipótese que colocámos. Para além disso, são os valores baixos de TAO que melhor prevêm o estilo Conformista, contrariamente ao esperado. A utilização de mecanismos de defesa do tipo PRN justifica-se dado que o isolamento e neutralização das emoções que resultam, normalmente, de situações stressantes de modo a evitar o embaraço são características deste estilo (Millon & Davis, 1996). A hipótese de este estilo poder estar positivamente associado a TAO foi colocada uma vez que um dos mecanismos usados pelos Conformistas, para transformar os impulsos negativos, é a identificação

com o agressor, mecanismo que proporciona uma via para dirigir a hostilidade ao outro, que expressa de outra forma seria inaceitável (Millon & Davis, 1996). Porém, estes adolescentes, mais do que em outros estilos de personalidade, utilizam uma larga gama de mecanismos de defesa para regular os seus comportamentos e emoções. Desta forma, segundo os resultados obtidos, a utilização de mecanismos do tipo TAO pode ser secundária ou menos evidente perante a utilização de mecanismos que visam manter no sujeito uma boa imagem e a aprovação dos outros. Quando estes adolescentes sentem que, de alguma forma, desobedeceram às figuras de autoridade ou que não corresponderam às suas expectativas, podem envolver-se em comportamentos ou ritualismos que expiem as suas falhas, de modo a readquirirem a complacência que temem ter perdido (Millon & Davis, 1996). Estes comportamentos podem justificar os valores baixos de TAO.

O mecanismo de defesa que melhor caracteriza o estilo Opositivo é o deslocamento, mecanismo que se poder inserir no tipo TAO, devido à tendência destes adolescentes para deslocar a sua raiva, incontrolada e inconsciente, do seu alvo para outros menos significativos. Os resultados obtidos, porém, sugerem que este estilo de personalidade é melhor previsto por valores baixos de mecanismos de defesa do tipo PRN e REV. Estes resultados podem ser interpretados à luz da caracterização de Millon e Davis (1996) deste estilo de personalidade. Segundo os autores uma das características que distingue o estilo Opositivo ou negativista dos outros estilos de personalidade é a escassez de mecanismos de defesa e controlo intrapsíquico (Millon & Davis, 1996). Poucos processos intrapsíquicos são utilizados pelos Opositivos para lidar com as explosões de impulsos, emoções e sentimentos, que acabam por ser conscientemente expressos em bruto e de forma exagerada (Millon & Davis, 1996).

Os resultados obtidos para o estilo Autodestrutivo sugerem que as defesas do tipo TAS, que incluem o exagero, têm poder preditivo tal como esperado. No entanto, sugerem também, contrariamente ao esperado, que as defesas do tipo TAO e PRO são significativamente influentes neste estilo de personalidade. Embora os mecanismos de defesa constituam processos dinâmicos que têm como função resolver ou atenuar a dor psíquica, os adolescentes com estilo Autodestrutivo ou masoquista utilizam-nos de forma a exagerar a dor (Millon & Davis, 1996). Este processo de exagerar, recordar repetidamente os eventos dolorosos passados e antecipar deceções parece ter como função elevar a angústia para níveis homeostáticos (Millon & Davis, 1996), o que explica a utilização de TAS. As relações positivas encontradas entre os mecanismos de defesa do tipo TAO e PRO e este estilo de personalidade podem estar relacionadas com comportamentos de provocação aos outros. Essas provocações têm como função incitar a agressividade dos outros de

forma a que os sujeitos possam sentir-se como vítimas, magoados e humilhados (Cooper, 1993). Existem autores que defendem que a agressividade dirigida ao outros e a agressividade dirigida ao *Self* tendem a coexistir em larga escala (Campos, 2012; Coimbra de Matos, 2001), explicando as relações positivas entre este estilo de personalidade tanto com PRO como com TAO.

Por último, para o estilo Borderline colocámos a hipótese de que TAO, tipo de mecanismos de defesa onde se pode inserir a regressão, tivesse poder explicativo deste estilo de personalidade. Os resultados obtidos não permitem apoiar esta hipótese, sugerindo que são valores altos de TAS e valores baixos de REV e PRN que melhor explicam este estilo. Estes resultados foram também obtidos no estudo de Berman e McCann (1995). O uso de mecanismos de defesa do tipo TAS pelos adolescentes com tendência Borderline pode dever-se a comportamentos de auto-condenação, sentimentos de culpa excessiva e de baixa autoestima. Estes comportamentos e sentimentos podem alcançar proporções delirantes, ao ponto destes jovens rejeitarem qualquer esforço racional que os afaste dos mesmos, sendo este estilo considerado um dos mais graves (Millon, 1993; Millon & Davis, 1996), o que justifica a relação negativa com mecanismos de defesa mais maduros do tipo PRN e REV. Para além disso, a relação negativa entre PRN e este estilo de personalidade, considerado um dos mais graves na conceção de Millon (1993), pode fazer sentido na medida em que níveis mais elevados de PRN parecem estar associados a maior sociabilidade, assertividade nas relações interpessoais, melhores estratégias de coping e maior autoestima (Ihilevich & Gleser, 1991).

É de notar que os resultados obtidos, quanto à variância explicada (R^2) pelos modelos de regressão, não são particularmente elevados (rondando os 9% e os 19%). Porém, tendo em conta a amostra estudada, que pertence à população geral e que os mecanismos de defesa constituem uma entre várias dimensões que permitem definir o funcionamento da personalidade (como o temperamento, o tipo de relação de objeto, o estilo cognitivo) estes resultados parecem ser relevantes.

Como segundo objetivo pretendeu-se com este estudo, e socorrendo-nos dos construtos de estilos de personalidade e mecanismos de defesa, identificar tipos de funcionamento interno globais em adolescentes. Para tal, optou-se pela metodologia de análise fatorial de componentes principais, com rotação dos fatores. Deste método estatístico chegou-se a uma solução de três componentes, que apoiam, em parte, as nossas hipóteses. Analisemos, de seguida, cada uma destas componentes.

Verificou-se que os estilos de personalidade com maior peso na componente I foram Inibido, Introversivo, Autodestrutivo e Dolente, com um sentido positivo e Dramático e Egocêntrico, com um sentido negativo. Quanto aos mecanismos de

defesa, apenas TAS satura nesta componente. A saturação com um sentido positivo dos estilos Inibido, Introversivo, Autodestrutivo e Dolente e do mecanismo de defesa do tipo TAS está de acordo com a hipótese colocada e parece ser consistente com a dimensão de internalização. Todos estes estilos de personalidade parecem estar relacionados com a utilização de defesas do tipo TAS e com sentimentos de culpa, baixa autoestima, sintomatologia depressiva. Dada a constante busca de atenção e a natureza extrovertida dos adolescentes com personalidades Egocêntricas e Dramáticas (Salekin, 2002), a saturação com um sentido negativo destes estilos na componente I também é justificada.

Na componente II verificou-se que os estilos de personalidade com maior peso foram Rebelde, Rude e Opositivo, com um sentido positivo e Conformista e Submisso, com um sentido negativo. A saturação com sentido positivo dos estilos Rebelde, Rude e Opositivo parece ser consistente com uma dimensão de externalização, dado que são característicos nestes estilos comportamentos delinquentes e agressivos e a utilização de defesas do tipo TAO, como o *acting out* (Achenbach, 1991; Millon & Davis, 1996). Por outro lado, a saturação com sentido negativo dos estilos Conformista e Submisso parece fazer sentido na medida em estes adolescentes tendem a conter quaisquer impulsos que possam pôr em causa as suas relações com os outros.

Os estilos Submisso e Borderline apresentam uma saturação semelhante na componente I e na componente II. O estilo Submisso tem um sentido positivo na componente I (internalização) e negativo na componente II (externalização). Este resultado vai de encontro aos resultados encontrados na análise de regressão, em que o estilo Submisso é, em parte, explicado por uma relação positiva com mecanismos de defesa do tipo TAS e negativa com TAO. O estilo Borderline tem um sentido positivo em ambas as componentes. Este resultado é consistente com a descrição da Perturbação de Personalidade Borderline no DSM-IV (APA, 2000), que inclui instabilidade nas relações interpessoais, no humor e na autoimagem. A desregulação do comportamento característica nos adolescentes com este estilo e as flutuações de humor podem manifestar-se tanto através de comportamento de internalização como de externalização (Salekin, 2002).

Na componente III apenas saturam os mecanismos de defesa à exceção de TAS, sendo que TAO e PRO apresentam um sentido positivo e REV e PRN um sentido negativo. Esta componente pode estar relacionada com a variância inerente ao instrumento de medida DMI-Y. A variância específica do método ocorre quando as diferenças entre os testes psicométricos utilizados interferem com os resultados referentes às relações entre os construtos estudados. Este fenómeno resulta dos diferentes formatos dos instrumentos de avaliação que poderão levar os sujeitos a

responder de forma divergente a questões que avaliam dimensões semelhantes (Berman & McCann, 1995). Seria expectável, nos resultados da análise fatorial, que o MACI (Millon, 1993) e o DMI (Ihilevich & Gleser, 1986) contivessem algumas escalas que saturariam em fatores comuns, uma vez que avaliam construtos relacionados; o primeiro avalia a personalidade nas suas diversas dimensões e o segundo avalia os mecanismos de defesa, que inevitavelmente caracterizam os diferentes estilos de personalidade. No entanto, como foi possível verificar, cada componente contém apenas escalas de um dos dois instrumentos. A exceção é TAS, que satura na componente I juntamente com escalas do MACI. Desta forma, estes resultados parecem apontar para a presença de variância do método. Note-se que o MACI (Millon, 1993) é um instrumento de resposta verdadeiro-falso e o DMI (Ihilevich & Gleser, 1986) um teste de escolha forçada de natureza ipsativa.

Os resultados obtidos relativos aos estilos Submisso, Egocêntrico, Dramático e Conformista (todos eles com um sentido negativo nas componentes e previstos por relações inversas com TAO, TAS e PRO), poderão estar relacionados com o sentido das pontuações nestas escalas. Resultados idênticos foram obtidos no estudo de Vinet e Santacana (2006) também com adolescentes da população geral. Segundo os autores, nestas escalas de estilos de personalidade, pontuações mais baixas serão indicadoras de patologia, contrariamente às outras escalas. De acordo com Vinet e Santacana (2006), pontuações altas nas escalas Egocêntrico e Dramático estarão associadas a características de gregariedade, sociabilidade, extroversão e autoconfiança. Na escala Conformista estarão associadas à formalidade e ao respeito pelas regras e na escala Submisso à preocupação com os outros e à obediência às normas. Os resultados obtidos, no presente estudo, relativamente às distribuições das escalas são também consistentes com estes dados uma vez que os estilos Submisso e Egocêntrico apresentam distribuições normais e os estilos Conformista e Dramático apresentam assimetria negativa (maior frequência de casos nos valores mais altos), o que faz sentido dado que se trata de uma amostra não clínica.

A saturação com sentido positivo de TAO e PRO e negativo de REV e PRN na componente III poderá estar relacionada com o facto de estes pares de mecanismos de defesa não serem estatisticamente independentes (Cramer, 1988). Estes resultados estão de acordo com os resultados encontrados em vários estudos em que se efetuou a Análise Fatorial das escalas do DMI (Juni, 1999; Justo et al., 2011). Segundo Justo et al. (2011), as escalas TAO e PRO correlacionam-se positiva e significativamente entre si, assim como as escalas REV e PRN. Já a escala TAS correlaciona-se negativamente com as escalas TAO e PRO mas com as escalas REV e PRN não apresenta correlações significativas. Estes resultados remetem para a

técnica de escolha forçada de respostas utilizada no DMI que tem recebido algumas críticas dada a sua natureza ipsativa. O formato ipsativo é particularmente problemático e sugere, na prática, interdependência dos dados que resulta do processo envolvido na tomada de decisão entre os itens, isto é, quando o sujeito escolhe uma das opções esta irá influenciar todas as outras (Juni, 1999; Welter & Capitão, 2007). Importa também salientar os sentidos inversos das pontuações nas escalas, TAO e PRO positivo e REV e PRN negativo. De acordo com Ihilevich e Gleser (1991) pontuações altas de PRN parecem estar associadas a maior sociabilidade, assertividade nas relações interpessoais e maior autoestima e pontuações altas de REV a comportamentos altruístas, tolerantes, sociáveis e controlados. Por outro lado, pontuações altas de TAO parecem estar associadas à impulsividade, agressividade e comportamentos rebeldes e pontuações altas de PRO à falta de tolerância, pouca sociabilidade, distração e suspeição (Ihilevich & Gleser, 1991).

Limitações

Este estudo apresenta algumas limitações, particularmente, em relação às metodologias de análise estatística e às características dos instrumentos psicológicos utilizados.

A falha na verificação dos pressupostos da Análise de Regressão Linear Múltipla, como a homocedasticidade, normalidade dos resíduos e ausência de *outliers*, embora não invalide as análises, enfraquece-as (Tabachnick & Fidell, 2007), constituindo esta questão uma das limitações deste estudo. Ainda assim, os resultados obtidos parecem ser consistentes com a teoria e com os resultados obtidos em estudos anteriores com objetivos semelhantes (e.g. Berman & McCann, 1995; Noam & Recklitis, 1990; Salekin, 2002).

As limitações relativas às análises estatísticas poderão estar relacionadas com as limitações dos próprios instrumentos utilizados, como por exemplo a interdependência das escalas. Tem sido observado que a elevação nas pontuações de algumas escalas, tanto do MACI como do DMI, eleva conseqüentemente as pontuações noutras escalas do mesmo instrumento (Berman & McCann, 1995; Cramer, 1988; Ihilevich & Gleser, 1969; Millon & Davis, 1993; Velting, Rathus, & Miller, 2000). Este facto, embora não coloque em causa a validade dos instrumentos e seja teoricamente justificável pelas características que partilham alguns estilos de

personalidade e alguns mecanismos de defesa, pode explicar a falta de homocedasticidade dos dados.

Outra limitação de ambos os instrumentos é o facto de serem medidas de autorrelato. As medidas de autorrelato dependem da capacidade dos participantes para descrever com precisão os seus comportamentos e o seu mundo interno, estando, portanto, inerentemente sujeitas a erro (Stefurak & Calhoun, 2007).

Um dos motivos para as faltas de associação previstas entre estilos de personalidade e mecanismos de defesa pode dever-se, possivelmente, às diferentes conceptualizações dos mecanismos de defesa. Ihilevich e Gleser (1986), conceptualizam os mecanismos de defesa numa lógica muito diferente de Millon e Davis (1996) e de outros autores como Vaillant (1992) e Anna Freud (1972). Ihilevich e Gleser (1986), autores do DMI, referem-se a tipos de mecanismos de defesa globais e Millon e Davis (1996) conceptualizam mecanismos de defesa específicos o que dificulta a correspondência entre ambas as conceptualizações. Nalguns casos, na verdade, foi necessário “arrumar” os mecanismos de defesa descritos por Millon e Davis (1996) nas 5 categorias de defesas propostas no DMI por Ihilevich e Gleser (1986), uma vez que não era dada uma correspondência explícita.

Conclusões

O presente estudo teve como objetivos compreender de que forma a preferência por determinados mecanismos de defesa se associa e pode ajudar a caracterizar os traços disfuncionais de personalidade nos adolescentes e identificar tipos de funcionamento interno mais abrangentes, com base nestes dois tipos de construtos.

De uma maneira geral, os resultados obtidos neste estudo sugerem que os adolescentes que utilizam mais defesas do tipo *Turning Against Self* (TAS) poderão também evidenciar estilos de personalidade do tipo Inibido, Introversivo, Submisso, Dolente, Autodestrutivo e Borderline. Estes estilos parecem assim partilhar, provavelmente de diferentes formas, a tendência para resolver os conflitos dirigindo a agressividade contra o *Self*. A utilização de defesas do tipo *Turning Against Object* (TAO), associou-se aos estilos de personalidade Rebelde e Rude, que partilham de certa forma uma tendência para dirigir, direta ou indiretamente, a agressividade para os outros. A utilização de TAO associou-se, também, ao estilo Autodestrutivo, corroborando a ideia de que a agressividade dirigida ao *Self* e a agressividade dirigida aos outros tendem a coexistir em larga medida (Campos, 2012; Coimbra de Matos, 2001). Por outro lado, a utilização de defesas do tipo *Reversal* (REV) também se associou aos estilo Rude de personalidade, sugerindo uma tendência destes adolescentes para manter inconscientes ou neutralizadas as consequências, supostamente, negativas e dolorosas para os outros dos seus atos. Os adolescentes que utilizam sobretudo defesas do tipo *Principalization* (PRN) poderão evidenciar o estilo de personalidade Conformista, sugerindo que tendem a reinterpretar a realidade recorrendo à separação entre conteúdos afetivos e ideativos. Os estilos disfuncionais Inibido, Rude e Autodestrutivo associaram-se também à utilização de *Projection* (PRO), sugerindo que partilham uma tendência para atribuir aos outros qualidades indesejáveis do *self*.

As relações negativas encontradas entre alguns tipos de mecanismos de defesa e alguns estilos de personalidade sugerem que não só os traços disfuncionais podem estar associados ao uso excessivo de um dado tipo de defesas mas também à escassa utilização de outros tipos. Exemplos disso são os estilos Dramático e Egocêntrico, que se associaram a baixos valores de TAS, ou os estilos Conformistas, que se associou a baixos valores de TAO. Estes resultados poderão fazer sentido, na medida em que estes estilos parecem estar relacionados com características que podem ser consideradas socialmente desejáveis (e.g. gregariedade, respeito pelas normas), sendo também mais frequentes nos adolescentes da população geral do que

outros tipos de traços, logo será natural que estes adolescentes recorram menos a mecanismos de defesa do tipo TAO e TAS considerados menos maduros e associados a patologias mais graves (e.g. perturbação antissocial, perturbação esquizoide, depressão). Os estilos Opositivos, Dolentes e Borderline associaram-se a baixos valores de PRN e REV. Nos adolescentes com estilo Opositivo, os baixos valores de PRN e REV podem estar relacionados com a escassez de mecanismos de defesa e controlo intrapsíquico para lidar com os impulsos, emoções e sentimentos, característica neste estilo. Nos adolescentes com estilos Dolentes e Borderline os baixos valores destes tipos de mecanismos remetem para a tendência destes a catastrofizar, experienciar discrepâncias entre o *Self* ideal e o real e sintomatologia ansiosa e depressiva.

Através da Análise de Componentes Principais verificou-se a existência de três componentes. A primeira componente parece dar conta de funcionamento interno relacionado com a internalização dos conflitos, abrangendo o tipo de mecanismo de defesa TAS e os estilos de personalidade Inibido, Introversivo, Autodestrutivo e Dolente, para além dos estilos Egocêntrico e Dramático (este último com uma saturação negativa nesta dimensão). A segunda componente parece estar relacionada com a externalização e abrange os estilos de personalidade Rebeldes, Rudes, Opositivos e Conformistas e Submissos (estes dois últimos com uma saturação negativa nesta dimensão). Para além disso, os estilos de personalidade Submissos e Borderline estão associados a ambos os tipos de funcionamento interno. O surgimento de uma componente, a terceira, que envolve apenas os mecanismos de defesa TAO, PRO, PRN e REV, poderá estar relacionada com efeitos de variância ligada ao método de avaliação.

Apesar de este estudo ter tido como alvo um população de adolescentes sem queixa, pode ser relevante do ponto de vista clínico, uma vez que tanto os estilos de personalidade como os mecanismos de defesa abordados são conceptualizados num *continuum* entre a normalidade e a patologia. Para além disso, um estudo recente concluiu que a relutância dos profissionais em diagnosticar perturbações de personalidade nos adolescentes pode prejudicar o desenvolvimento e disseminação de intervenções apropriadas para esta faixa etária (Laurensen, Hutsebaut, Feenstra, Van Busschbach, & Luyten, 2013).

Importa referir, contudo, que seria de extrema importância a replicação destes resultados em estudos futuros com amostras clínicas, assim como também a exploração de outras variáveis que poderiam enriquecer a compreensão da personalidade nos adolescentes, como por exemplo as relações de objeto e a força do ego (Bornstein, 1993). Seria também importante estudar em separado para rapazes e

raparigas as relações aqui abordadas (Avanzini, 1980), dado que a investigação tem demonstrado que existem diferenças significativas entre géneros na prevalência, expressão, comorbilidade, processos subjacentes e no percurso desenvolvimental da psicopatologia (Mash & Dozois, 2003). Para além disso, alguns estudos defendem que os rapazes tendem a usar mais defesas de externalização dos conflitos, enquanto que as raparigas são mais propensas a lidar com os conflitos internamente (Romm, Bockian, & Harvey, 1999; Cramer, 1979).

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. (1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 Profile*. Burlington, VT: University of Vermont Department of Psychiatry.
- Adams, G. (2005). Adolescent Development. In T. Gullotta, & G. Adams (Edits.), *Handbook of Adolescent Behavioral Problems: Evidence-Based Approaches to Prevention and Treatment* (pp. 3-16). New York: Springer.
- Aiken, L. R. (1999). *Personality Assessment: Methods & Practices* (3ª ed.). Toronto: Hogrefe & Huber Publishers.
- Alchieri, J., Cervo, C., & Núñez, J. (2005). Avaliação de estilos de personalidade segundo a proposta de Theodore Millon. *Psico*, 36(2), 175-179.
- Allik, J. (2005). Personality dimensions across cultures. *Journal of Personality Disorders*, 19(3), 212-232.
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (3ª ed.). Washington, D.C.: Autor.
- American Psychiatric Association. (2000). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª ed.). Washington, D.C.: Autor.
- American Psychiatric Association. (2012). DSM-IV and DSM-5 Criteria for the Personality Disorders. Página consultada a 18 de Abril de 2013 em: <http://www.dsm5.org>
- Archer, R. P., & Smith, S. R. (2008). *Personality Assessment*. New York: Routledge.
- Avanzini, G. (1980). *O tempo da adolescência*. Lisboa: Edições 70.
- Berman, S., & McCann, J. (1995). Defense mechanisms and personality disorders: an empirical test of Millon's theory. *Journal of Personality Assessment*, 64(1), 132-144.
- Blumentritt, T., Angle, R., & Brown, J. (2004). MACI personality patterns and DSM-IV symptomology in a sample of troubled Mexican-American adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 13(2), 163-178.

- Bonkalo, A. (1956). Emil Kraepelin (1856-1926). *Canadian Medical Association*, 74(10), 835.
- Bornstein, R. (1993). Parental representations and psychopathology: a critical review of the empirical literature. In J. Masling, & R. Bornstein (Edits.), *Psychoanalytic Perspectives on Psychopathology* (pp. 1-42). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bornstein, R. (2003). Psychodynamic models of personality. In T. Millon, M. Lerner, & I. Weiner (Ed.), *Handbook of psychology: personality and social psychology* (Vol. 5, pp. 117-134). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Bornstein, R. (2006). A Freudian construct lost and reclaimed: the psychodynamics of personality pathology. *Psychoanalytic Psychology*, 23(2), 339–353.
- Buckley, P. (1995). Ego defenses: a psychoanalytic perspective. In H. Conte, & R. Plutchik (Edits.), *Ego Defenses: Theory and Measurement* (pp. 38-52). New York: John Wiley & Sons.
- Campos, R. C. (2012). *Textos sobre Psicopatologia e Diagnóstico Psicodinâmico*. Lisboa: Climepsi .
- Campos, R. C., Besser, A., & Blatt, S. J. (2011). The relationships between defenses and experiences of depression. *Psychoanalytic Psychology*, 28(2), 196–208.
- Cardenal, V., Sánchez, M., & Ortiz-Tallo, M. (2007). Los trastornos de personalidad según el modelo de Millon: una propuesta integradora. *Clínica y Salud*, 18(3), 305-324.
- Carver, C., & Scheier, M. (1996). *Perspectives on Personality* (3ª ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Caspi, A., Roberts, B., & Shiner, R. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*(56), 453-484.
- Cattell, R. B. (1952). *Factor Analysis: An Introduction and Manual for the Psychologist and Social Scientist*. New York: Harper & Brothers.
- Cavaco, F. (2004). *Estudo preliminar de adaptação do inventário clínico para adolescentes de Millon (MACI) à população portuguesa: o perfil dos jovens delinquentes*. Coimbra: FPCE Universidade de Coimbra.

- Coimbra de Matos, A. (1981). O normal e o patológico na adolescência. *Revista Portuguesa de Pediatria*(12), 73-77.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Cooper, A. (1993). Psychotherapeutic approaches to masochism. *Journal of Psychotherapy Practice and Research*, 2(1), 51-63.
- Costa, P., & McCrae, R. (2006). Trait and factor theories. In J. Thomas, D. Segal, M. Hersen, & J. Thomas (Edits.), *Comprehensive Handbook of Personality and Psychopathology: Personality and Everyday Functioning* (Vol. 1, pp. 96-114). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Craig, R. (2002). Essentials of MCMI-III assessment. In S. Strack, *Essentials of Millon Inventories Assessment* (2^a ed., pp. 1-51). New York: John Wiley & Sons.
- Cramer, P. (1979). Defense mechanisms in adolescence. *Developmental Psychology*, 15(4), 476-477.
- Cramer, P. (1988). The Defense Mechanism Inventory: A review of research and discussion of the scales. *Journal of Personality Assessment*, 52(1), 142-164.
- Davis, R., & Millon, T. (1997). The Millon inventories: present and future directions. In T. Millon (Ed.), *The Millon Inventories: Clinical and Personality Assessment* (pp. 525-538). New York: The Guilford Press.
- Debesse, M. (1973). *L'Adolescence* (14^a ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Digman, J. (1989). Five robust trait dimensions: development, stability, and utility. *Journal of Personality*, 57(2), 195-214.
- Eysenck, H. J. (1950). *Les Dimensions de la Personnalité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Faul, L., & Gross, A. (2006). Diagnosis and Classification. In R. Ammerman, M. Hersen, & J. C. Thomas (Edits.), *Comprehensive Handbook of Personality and Psychopathology: Child Psychopathology* (Vol. 3, pp. 3-15). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Fonagy, P., & Target, M. (2006). *Psychoanalytic Theories: Perspectives from developmental psychopathology*. London: Whurr Publishers.

- Freud, A. (1972). *Le Moi et les Mécanismes de Défense* (6^a ed.). (A. Berman, Trad.) Paris: Presses Universitaires de France.
- Freud, S. (1976). As neuropsicoses de defesa e outros trabalhos (1894). In S. Freud, *Pequena coleção das obras de Freud* (M. Salomão, Trad., Vol. 32, pp. 47-76). Rio de Janeiro: Imago.
- Fruyt, F., Bartels, M., Leeuwen, K., De Clercq, B., Decuyper, M., & Mervielde, I. (2006). Five types of personality continuity in childhood and adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(3), 538–552.
- Fruyt, F., Bolle, M., McCrae, R., Terracciano, A., & Costa, P. (2009). Assessing the universal structure of personality in early adolescence: The NEO-PI-R and NEO-PI-3 in 24 cultures. *Assessment. Author Manuscript*, 16(3), 301–311.
- Grossman, S. (2008). The MCMI-III and MACI Grossman Facet Scales. In T. Millon, & C. Bloom, *The Millon Inventories: A Practitioner's Guide to Personalized Clinical Assessment* (2nd ed., pp. 112-134). New York: The Guilford Press.
- Haddy, C., Strack, S., & Choca, J. P. (2005). Linking Personality Disorders and Clinical Syndromes on the MCMI-III. *Journal of Personality Assessment*, 84(2), 193–204.
- Hall, C., & Lindzey, G. (1966). *Teorias da Personalidade*. (L. Bretones, & A. Queiroz, Trads.) São Paulo: Editora Herder .
- Hall, C., Lindzey, G., & Campbell, J. (2000). *Teorias da Personalidade* (4^a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ihlevich, D., & Gleser, G. (1969). An objective instrument for measuring defense mechanisms. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33(1), 51-60.
- Ihlevich, D., & Gleser, G. (1991). *Defenses in Psychotherapy: The Clinical Application of the Defense Mechanisms Inventory*. Owosso: DMI Associates.
- Ihlevich, D., & Gleser, G. (1994). The defense mechanism inventory: its development and clinical applications. In H. Conte, & R. Plutchik (Edits.), *Ego Defenses: Theory and Measurements* (Vol. 10, pp. 221-246). New York: John Wiley & Sons.

- Ihilevich, D., & Gleser, G. C. (1986). *Defense Mechanisms: their classifications, correlates, and measurement with Defense Mechanism Inventory*. Owosso: DMI Associates.
- Jackel, M. (1977). Personality disorders - I. In G. Wiedeman, & S. Matison (Edits.), *Personality Development and Deviation* (3^a ed., pp. 286-298). New York: International Universities Press.
- Jordan, J. (2004). Personality disorder or relational disconnection? In J. Magnavita (Ed.), *Handbook of personality disorders: Theory and practice*. (pp. 120-134). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Jung, C. G. (1958). *Types Psychologiques* (2^a ed.). Genève: Georg & Cie.
- Juni, S. (1999). The defense mechanisms inventory: theoretical and psychometric implications. *Current Psychology*, 17(4), 313-332.
- Juni, S., & Yanishefsky, D. (1983). Defensive style: state or trait? *Journal of Personality Assessment*, 47(5), 536-538.
- Justo, J., Silva, A., Neves, A., & Frade, C. (2011). The Portuguese Version of the Adolescents Form of the Defense Mechanisms Inventory. *INFAD Revista de Psicología*, 2(1), 121-134.
- Kendrick, D. (1981). Neuroticism and extraversion as explanatory concepts in clinical psychology. In R. Lynn (Ed.), *Dimensions of Personality: Papers in Honour of H. J. Eysenck* (pp. 253-262). Oxford: Pergamon Press.
- Kernberg, O. (1979). *Les troubles limites de la personnalité*. Toulouse: Privat.
- Kernberg, O. (2004). Borderline Personality Disorder and Borderline Personality Organization: Psychopathology and Psychotherapy. In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of Personality Disorders : Theory and Practice* (pp. 92-119). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Klein, M. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. *International Journal of Psychoanalysis*, 16, 145-174.
- Krueger, R. F. (2005). Continuity of axes I and II: toward a unified model of personality, personality disorders, and clinical disorders. *Journal of Personality Disorders*, 19(3), 233–261.

- Lara, E., & Cordeiro, J. D. (1986). Semiologia e psicopatologia. In J. D. Cordeiro, *Manual de Psiquiatria Clínica* (pp. 151-188). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Laurensen, E., Hutsebaut, J., Feenstra, D., Van Busschbach, J., & Luyten, P. (2013). Diagnosis of personality disorders in adolescents: a study among psychologists. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, 7*(3), 1-4.
- Lenzenweger, M. F., Lane, M. C., Loranger, A. W., & Kessler, R. C. (2007). DSM-IV personality disorders in the National Comorbidity Survey Replication. *Biological Psychiatry, 62*(6), 553–564.
- Levesque, R. (Ed.). (2011). *Encyclopedia of Adolescence*. New York: Springer.
- Livesley, W. (2001). Conceptual and taxonomic issues. In W. Livesley (Ed.), *Handbook of personality disorders: theory, research and treatment* (pp. 3-38). New York: The Guilford Press.
- Livesley, W. (2005). Behavioral and molecular genetic contributions to a dimensional classification of personality disorder. *Journal of Personality Disorders, 19*(2), 131-155.
- Madison, P. (1961). *Freud's Concept of Repression and Defence*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Magnavita, J. J. (2004). Classification, prevalence, and etiology of personality disorders: related issues and controversy. In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of Personality Disorders: Theory and Practice* (pp. 3-23). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e Psicopatologia*. (F. Fonseca, & R. Rocha, Trans.) Lisboa: Climepsi.
- Markon, K., Krueger, R., & Watson, D. (2005). Delineating the structure of normal and abnormal personality: an integrative hierarchical approach. *Journal of Personality and Social Psychology, 88*(1), 139–157.
- Mash, E., & Dozois, D. (2003). Child psychopathology: A developmental systems perspective. In E. Mash, & R. Barkley, *Child psychopathology* (pp. 3-74). New York: The Guilford Press.

- McCann, J. (2008). Using the Millon Adolescent Clinical Inventory (MACI) and its facet scales. In T. Millon, & C. Bloom (Edits.), *The Millon Inventories: a practitioners guide to personalized clinical assessment* (2^a ed., pp. 494-519). New York: The Guilford Press.
- Michels, R. (2012). Diagnosing personality disorders. *American Journal of Psychiatry*, 169(3), 241-243.
- Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. (C. Almeida, & I. Sousa, Trads.) Lisboa: Climepsi.
- Millon, T. (1982). On the nature of clinical health psychology. In T. Millon, C. Green, & R. Meagher, *Handbook of Clinical Health Psychology* (pp. 1-28). New York: Plenum Press.
- Millon, T. (1993). *Millon adolescent clinical inventory: manual*. Minneapolis: NSC Assessments.
- Millon, T. (2003). Evolution: A generative source for conceptualizing the attributes of personality. In T. Millon, M. Lerner, & I. Weiner (Ed.), *Handbook of Psychology: Personality and Social Psychology* (Vol. 5, pp. 3-30). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Millon, T., & Davis, R. (1993). The Millon Adolescent Personality Inventory and The Millon Adolescent Clinical Inventory. *Journal of Counseling and Development*, 71, 570-574.
- Millon, T., & Davis, R. (1996). *Disorders of personality: DSM-IV and beyond* (2^a ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Millon, T., & Grossman, S. (2006). Goals of a theory of personality. In J. Thomas, D. Segal, & M. Hersen (Edits.), *Comprehensive Handbook of Personality and Psychopathology: Personality and Everyday Funtioning* (Vol. 1, pp. 3-22). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Millon, T., Boice, A., & Sinsabaugh, K. (2008). Relating personalized assessment to personalized psychotherapy. In T. Millon, & C. Bloom (Edits.), *The Millon Inventories: A Practioner's Guide to Personalized Clinical Assessment* (pp. 15-48). New York: The Guilford Press.

- Millon, T., Davis, R., & Millon, C. (2007). *MCMI-III: Inventário Clínico Multiaxial de Millon-III Manual*. (V. Hernáez, & M. López, Trads.) Madrid: TEA Ediciones.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S., & Ramnath, R. (2004). *Personality disorders in modern life* (2ª ed.). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Mischel, W. (1981). *Introduction to personality* (3ª ed.). New York: CBS College Publishing.
- Noam, G., & Recklitis, C. (1990). The relationship between defenses and symptoms in adolescent psychopathology. *Journal of Personality Assessment*, 54(1 & 2), 311-327.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows (Version 12)*. Sydney: Allen & Unwin.
- Paris, J. (2005). Neurobiological dimensional models of personality: a review of three models. *Journal of Personality Disorders*, 19(2), 156-170.
- Penney, S., Moretti, M., & Silva, K. (2008). Structural validity of the MACI psychopathy and narcissism scales: evidence of multidimensionality and implications for use in research and screening. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(2), 422–433.
- Pinto, M., & Grilo, C. (2004). Reliability, diagnostic efficiency, and validity of the Millon adolescent clinical inventory: examination of selected scales in psychiatrically hospitalized adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, 42, 1505–1519.
- Romm, S., Bockian, N., & Harvey, M. (1999). Factor-based prototypes of the Millon adolescent clinical inventory in adolescents referred for residential treatment. *Journal of Personality Assessment*, 72(1), 125-143.
- Salekin, R. (2002). Factor-analysis of the Millon Adolescent Clinical Inventory in a juvenile offender population: implications for treatment. *Journal of Offender Rehabilitation*, 34(3), 15-29.
- Salekin, R., Ziegler, T., Larrea, M., Anthony, V., & Bennett, A. (2003). Predicting dangerousness with two Millon Adolescent Clinical Inventory Psychopathy Scales: The importance of egocentric and callous traits. *Journal of Personality Assessment*, 80(2), 154–163.

- Sánchez, R. O. (2003). Theodore Millon, una teoría de la personalidad y su patología. *Psico-USF*, 8(2), 163-173.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Thomson.
- Seligman, M., Walker, E., & Rosenhan, D. (2001). *Abnormal Psychology* (4ª ed.). New York: W. W. Norton & Company.
- Shakespeare, W. (1887). *Hamlet : tragedia em cinco actos - Obra digitalizada a partir do original*. (J. A. Fernandes, Ed.) Obtido de SIB. UL- Biblioteca Digital Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: http://bibliotecadigital.fl.ul.pt/ULFLOM02591/ULFLOM02591_item1/index.html
- Shea, M.; Yen, S.; Pagano, M.; Morey, L.; McGlashan, T.; Grilo, C.; Sanislow, C.; Stout, R.; Skodol, A.; Gunderson, J.; Bender, D.; Zanarini, M. (2004). Associations in the Course of Personality Disorders and Axis I Disorders Over Time. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(4), 499–508.
- Shedler, J.; Beck, A.; Fonagy, P.; Gabbard, G.; Gunderson, J.; Kernberg, O.; Michels, R.; Westen, D. (2010). Personality disorders in DSM-5. *American Journal of Psychiatry*, 167(9), 1026-1028.
- Simonsen, E., & Widiger, T. A. (2006). Current categorial classification of personality disorders. In T. A. Widiger, E. Simonsen, P. J. Sirovatka, & D. A. Regier (Edits.), *Dimensional Models of Personality Disorders: Refining the Research Agenda for DSM-V* (p. intro). Arlington: American Psychiatric Association.
- Simonsen, E., Ronningstam, E., & Millon, T. (2008). A synopsis of the WPA Educational Program on Personality Disorders. *World Psychiatry*, 119-125.
- Skeem, J., Poythress, N., Edens, J., Lilienfeld, S., & Cale, E. (2003). Psychopathic personality or personalities? Exploring potential variants of psychopathy and their implications for risk assessment. *Aggression and Violent Behavior*, 8, 513 – 546.
- Skodol, A., & Bender, D. (2009). The future of personality disorders in DSM-V? *American Journal of Psychiatry*, 166(4), 388-391.

- Stefurak, T., & Calhoun, G. (2007). Subtypes of female juvenile offenders: A cluster analysis of the Millon Adolescent Clinical Inventory. *International Journal of Law and Psychiatry*, 30, 95–111.
- Strack, S. (1987). Development and validation of an adjective check list to assess the Millon personality types in a normal population. *Journal of Personality Assessment*, 51(4), 572-587.
- Swanson, G. (1988). *Ego Defenses and the Legitimation of Behavior*. New York: Cambridge University Press.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using Multivariate Statistics* (5^a ed.). Boston: Pearson International Edition and Allyn and Bacon.
- Tackett, J., & Krueger, R. (2006). Psychopathology. In N. Salkind (Ed.), *Encyclopedia of Human Development* (pp. 1044-1045). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Terracciano, A., McCrae, R., & Costa, P. (2010). Intra-individual Change in Personality Stability and Age. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 31–37.
- Torgersen, S., & Alnaes, R. (1990). The relationship between the MCMI personality scales and DSM-III, Axis II. *Journal of Personality Assessment*, 55(3&4), 698-707.
- Vaillant, G. (1992). The need for a uniform nomenclature for defenses. In G. Vaillant, *Ego Mechanisms of Defense: A Guide for Clinicians and Researchers* (pp. 43-58). Washington D.C.: American Psychiatric Press.
- Velting, D., Rathus, J., & Miller, A. (2000). MACI personality scales profiles of depressed adolescent suicide attempters: a pilot study. *Journal of Clinical Psychology*, 56(10), 1381-1385.
- Vinet, E., & Santacana, M. (2006). El Inventario Clínico para Adolescentes de Millon (MACI) y su capacidad para discriminar entre población general y clínica. *Psykhé*, 15(2), 69-80.
- Vinet, E., Faúndez, X., & Larraguibel, M. (2009). Adolescentes con trastorno por consumo de sustancias: Una caracterización de personalidad a través de las normas chilenas del MACI. *Revista Médica de Chile*, 137, 466-474.

- Watkins, M. (2000). *Monte Carlo PCA for Parallel Analysis*. Retirado a 16 de Janeiro de 2013 do web site de Allen & Win: www.allenandunwin.com/spss.htm
- Welter, G., & Capitão, C. (2007). Medidas ipsativas na avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 6(2), 157-165.
- Widiger, T. A., & Sanderson, C. (1987). The convergent and discriminant validity of the MCMI as a measure of the DSM-III personality disorders. *Journal of Personality Assessment*, 51(2), 228-242.
- Widiger, T. A., Williams, J., Spitzer, R., & Frances, A. (1985). The MCMI as a measure of DSM-III. *Journal of Personality Assessment*, 49(4), 366-378.
- Widiger, T., & Simonsen, E. (2006). Alternative dimensional models of personality disorder: finding a common ground. In T. Widiger, E. Simonsen, P. Sirovatka, & D. Regier (Edits.), *Dimensional Models of Personality Disorders: Refining the Research Agenda for DSM-V* (pp. 1-22). Washington, D.C.: American Psychiatric Association.
- Wiedeman, G. (1977a). Theory of personality: basic givens and assumptions. In G. Wiedeman, & S. Matison (Edits.), *Personality Development and Deviation: A Textbook for Social Work* (3ª ed., pp. 1-10). New York: International Universities Press.
- Wiedeman, G. (1977b). Theory of personality: ego defense mechanisms. In G. Wiedeman, & S. Matison (Edits.), *Personality Development and Deviation* (3ª ed., pp. 29-39). New York: International Universities Press.
- Wright, A., Thomas, K., Hopwood, C., Markon, K., & Pincus, A. K. (2012). The hierarchical structure of DSM-5 pathological personality traits. *Journal of Abnormal Psychology*, 121(4), 951–957.

ANEXOS

ANEXO A

DMI

Adaptação autorizada de João M. R. M. Justo, 2009.

© Gleser, G. & Ihilevich, D. (1969)

INSTRUÇÕES: Leia cuidadosamente

Em cada uma das páginas seguintes, encontrará uma certa narrativa. Depois de cada narrativa, estão quatro perguntas e, para cada uma delas, há cinco respostas à sua escolha. As quatro perguntas procuram informação sobre quatro tipos de reacções à história contada: comportamento efectivo (real), comportamento de descarga (na fantasia), pensamentos e reacções emocionais. Destas quatro perguntas, só o comportamento efectivo tem correspondência na realidade. As outras três acontecem só no foro íntimo, dentro da cabeça de cada um.

O que nós queremos é que seleccione uma única resposta, de entre as cinco, que lhe pareça ser mais representativa (M) do seu modo de agir. Depois, escolha uma resposta que lhe pareça estar mais longe (L) do modo como reagiria. Por exemplo, vamos imaginar que de entre as cinco respostas possíveis a uma pergunta (números 136, 137, 138, 139, 140) a resposta 137 lhe parece a mais representativa do seu modo de reagir e que a resposta 140 é a que está mais longe da sua forma de reagir. Neste caso, assinale o M correspondente à resposta 137 e o L correspondente à resposta 140.

Exemplo:

Questão:..			
136	Resposta....	M	L
137	Resposta....	M	L
138	Resposta....	M	L
139	Resposta....	M	L
140	Resposta....	M	L

Por favor, marque apenas um M e um L em cada grupo de cinco respostas. Os restantes M's e L's, em cada conjunto, não devem ter qualquer anotação. Leia o conjunto das cinco respostas às perguntas, antes de pensar na sua escolha.

Não há respostas verdadeiras nem falsas, nem boas nem más; a única orientação para as suas escolhas é aquilo que sabe a respeito de si próprio. Deixe-se imaginar, por um momento, que o acontecimento descrito na narrativa está realmente a passar-se consigo, ainda que nunca se tenha passado consigo nada de igual. Quando escolher as suas respostas, lembre-se que não lhe estamos a pedir que diga do que gosta mais ou do que gosta menos, mas sim aquilo que mais ou menos se aproxima do modo como você reagiria ou se sentiria em tais situações.

Se não tem dúvidas a esclarecer, comece.

MACI
Inventário Clínico para Adolescentes de Millon
(Versão Experimental 2003)

Autores: Theodore Millon, Carrie Millon e Roger Davis (1993). Adaptação portuguesa: Fernando Cavaco (2003).

INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AO QUESTIONÁRIO:

- 1- Responde apenas na folha de respostas que te foi entregue. **NÃO ESCREVAS NADA NESTE QUESTIONÁRIO**
- 2- Para responder utiliza um **LÁPIS DE CARVÃO** ou **MARCADOR PRETO**
- 3- De seguida vais encontrar uma série de frases ou expressões que as pessoas podem utilizar para se descreverem a si mesmas, e que estão reunidas neste questionário para te ajudar a descobrires os teus sentimentos e atitudes. **SÊ O MAIS SINCERO POSSÍVEL.**
- 4- Não te preocupes se algumas das frases ou expressões te pareçam estranhas; foram incluídas no questionário para descreverem os vários problemas que uma pessoa pode ter; não existem respostas certas ou erradas.
- 5- De seguida estão dois exemplos para te ajudar a familiarizar com a forma de preencher a folha de respostas. **SE ESTÁS DE ACORDO** com a frase e pensas que descreve ou caracteriza a tua forma de ser, deves **PREENCHER COMPLETAMENTE O CÍRCULO** correspondente à letra "V" (verdadeiro). Se a frase não reflecte nem caracteriza a tua forma de ser, deves preencher completamente o círculo correspondente à letra "F" (falso). Exemplos:

"sou um ser humano"

(Esta frase é verdadeira, para ti, pelo que deves preencher completamente o círculo por baixo da letra V (verdadeiro)

folha de respostas

V	F
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

"tenho mais de três metros de altura"

(Esta frase é falsa, para ti, pelo que deves preencher completamente o círculo por baixo da letra F (falso)

V	F
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>

- 6- Procura responder a todas as frases ou expressões, ainda que não estejas totalmente seguro. Quando tiveres dúvidas deves preencher o círculo por baixo da letra F (falso).
- 7- Se te enganares, ou quiseres alterar alguma resposta, deves riscar primeiro a resposta errada e depois preencher o círculo correspondente à resposta correcta.
- 8- Não há limite de tempo para responder a este questionário, mas é aconselhável fazê-lo da forma mais **RÁPIDA E CÓMODA** possível.
- 9- Os resultados deste questionário são totalmente confidenciais e anónimos.

Copyright (1993) por Theodore Millon. Reservados todos os direitos. Este questionário é uma versão experimental, exclusivamente para ser usada no âmbito de uma investigação para Dissertação de Tese Mestrado em Psicologia, Área de Psicologia Clínica Comportamental, Cognitiva e Sistémica da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Reservados todos os direitos da adaptação portuguesa por Fernando Cavaco (2003). São proibidas toda a reprodução e utilização comercial deste questionário.